

Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” Faculdade de Filosofia e
Ciências

Campus de Marília

Programa de Pós-Graduação em Educação

FELIPE DOS SANTOS PAGLIARI

**ENSINO DE FILOSOFIA, O PIBID E A FORMAÇÃO DO EDUCADOR POPULAR:
TRAFICANDO INFORMAÇÃO**

MARÍLIA

2022

FELIPE DOS SANTOS PAGLIARI

**ENSINO DE FILOSOFIA, O PIBID E A FORMAÇÃO DO EDUCADOR POPULAR:
TRAFICANDO INFORMAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Campus de Marília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Filosofia e História da Educação.

Orientador: Dr. Vandeí Pinto da Silva.

MARÍLIA

2022

P138e

Pagliari, Felipe dos Santos

Ensino de Filosofia, o PIBID e a formação do educador popular: traficando informação / Felipe dos Santos Pagliari. -- Marília, 2022

78 p. : il., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientadora: Vandef Pinto da Silva

1. Educação Popular. 2. Emancipação. 3. Ensino de Filosofia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

FELIPE DOS SANTOS PAGLIARI

**ENSINO DE FILOSOFIA, O PIBID E A FORMAÇÃO DO EDUCADOR POPULAR:
TRAFICANDO INFORMAÇÃO**

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____

Dr. Vandeí Pinto da Silva
UNESP- Campus de Marília

2º Examinador: _____

Dr. Alonso Bezerra de Carvalho
UNESP- Campus de Marília

3º Examinador: _____

Dr. Genivaldo de Souza Santos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo- Campus de
Birigui

MARÍLIA

2022

Dedico este trabalho à todas e todos os educadores
que subvertem nas escolas públicas.

AGRADECIMENTOS

*O homem coletivo sente a necessidade de lutar
o orgulho, a arrogância, a glória
Enche a imaginação de domínio
São demônios, os que destroem o poder bravio da
humanidade
Viva Zapata!
Viva Sandino!
Viva Zumbi!
Antônio Conselheiro!
Todos os panteras negras
Lampião, sua imagem e semelhança
Eu tenho certeza, eles também cantaram um dia.
(Chico Science/Nação Zumbi - Monólogo ao pé do ouvido)*

Dedico este trabalho a todos aqueles educadores que possuem esperança, coragem e aspecto de subversão para uma educação popular, para uma educação de qualidade e para a confecção de uma educação emancipadora e criadora para as classes subalternas.

Em especial à minha família, que sempre me fortaleceu nos sonhos e trajetos na vida acadêmica.

Ao meu pai Marcio Renato Pagliari pela bravura de dar bases de vida a mim e à minha falecida mãe Roseli Barros dos Santos, que não pode contemplar minhas conquistas que tanto ela sonhara no passado.

Ao meu irmão Guilherme dos Santos Pagliari, por me motivar na construção do meu eu intelectual e iconoclasta.

Ao meu orientador Prof. Dr. Vandeí Pinto da Silva, por me apoiar, incentivar, desenvolver a minha formação na Filosofia, Ensino de filosofia e da formação humana de pesquisador desde o ano de 2013, junto aos programas do Núcleo de Ensino e PIBID, são quase 10 anos de parceria acadêmica e de vida. Pelo companheirismo de acreditar em minha pesquisa, em meus devaneios filosóficos e de me orientar rumo ao caminho da palavra esperança no campo educacional.

A minha companheira, Ana Beatriz Fiori de Oliveira, por me encorajar nos momentos difíceis de pesquisa e vida, sua companhia e amor me proporcionaram rumos essenciais para o desenvolvimento da presente dissertação, sempre me estimulando e apoiando nas ações docentes e estudos no trajeto da Pós-Graduação.

Aos professores Genivaldo de Souza Santos e Alonso Bezerra de Carvalho, por me orientarem aos caminhos que deveria trilhar na confecção da dissertação com suas devidas críticas, de suma relevância para a conclusão de minha escrita e por acreditarem no caráter revolucionário da dissertação.

Aos meus camaradas, amigos e amigas da Moradia Estudantil da Unesp de Marília, que lutaram lado a lado por melhorias educacionais aos mais pobres desta Universidade Pública, uma luta pelo direito de estudar e cursar o ensino superior, a luta social pela permanência estudantil, de conquistarmos diplomas para nossas famílias trabalhadoras. Grato a luta revolucionária e pela que considero minha outra graduação, a de militância política.

Subverta nas escolas! Obrigado!

RESUMO

A presente dissertação emerge do projeto de pesquisa trabalhada junto ao subprojeto PIBID de Filosofia da UNESP de Marília, no ano de 2017. O objetivo é suscitar reflexão e práticas pedagógicas sob a óptica estética e filosófica na relação educador, estudante e política dentro da esfera escolar, ou seja, através das aulas ministradas construir possibilidades de uma conscientização crítica da política na juventude estudantil, precisamente na classe subalterna. O trabalho junto ao projeto e a experiência enquanto professor da rede pública de ensino, trouxe-me as motivações necessárias, a partir das experiências subjetivas/objetivas nas ações pedagógicas. O motor motivador da pesquisa na área do ensino de filosofia nos permite levantar a problemática encontrada na realidade das escolas, que exprime motivações enquanto educador popular para além do capital, fugindo da ilusão da classe dominante e evidenciando a expropriação do conhecimento da juventude, salientando a formação crítica na dimensão estética e filosófica, no sentido de humanizar os estudantes em formação, possibilitar o direito do conhecimento, nessa constante luta de classes no sistema educacional, introjetar em oficinas educativas, desconstrução de preconceitos opressores nos micros poderes que os circundam diariamente, que determinam bruscamente quem vence e quem perde na sociedade capitalista. Os procedimentos metodológicos são no plano de dialogar com estudos bibliográficos adjunto as práticas revolucionárias do educador militante, para entender o estudante dentro do espaço escolar, dando as bases teóricas para a busca de possibilidades de uma emancipação gradual em todos os aspectos. Nas experiências filosóficas pedagógicas, há o fortalecimento do vínculo social do educador popular com a escola no qual se realiza as ações de intervenção, podendo assim se formar educadores populares, a favor da humanização política da juventude estudantil na escola pública, traficando informação para a subversão do ensinar em tempos de golpes e guinadas do fascismo e do neoliberalismo no sistema educacional brasileiro.

Palavras-chave: Educador Popular; Emancipação; Ensino de Filosofia; PIBID.

ABSTRACT

The present dissertation emerges from the research project made with the Philosophy subproject PIBID in São Paulo State University of Marília (UNESP), in the year of 2017. The purpose is to evoke reflection and pedagogical practices under the aesthetic and philosophical optic of the relation between the educator, the student and the politics inside the school sphere, that is, build through the ministered classes possibilities of a critical conscientization about politics in the student youth, precisely in the subaltern class. Working with the project and the experience as a teacher of the public school system, brought me the necessary motivations, as from the subjective/objective experiences in the pedagogical actions. The main motivator of the research in the philosophy study area allows us to raise the problem found in the reality of the schools, which as a popular educator expresses motivations beyond the capital, fleeing from the ruling class' illusion and evidencing the expropriation of the youth's knowledge, highlighting the critical formation in the aesthetic and philosophical dimension, in the sense of humanizing the students in formation, to allow the right to knowledge, in the constant class struggle in the educational system, to introject in educational officines, deconstruction of oppressive prejudices in the micro powers that surround them daily, which roughly determines who wins and who loses in the capitalist society. The methodological procedures are planned to dialogue with bibliographical studies along with the revolutionary practices of the militant educator, to understand the student inside the school space, giving the theoretical bases for the search of possibilities of gradual emancipation in all aspects. In the philosophical pedagogical experiences, there is the strengthening of the social bond between the popular educator and the school in which are done the intervention actions, thus being able to form popular educators, in favor of the political humanization of the student youth in the public school, trafficking information for the subversion of teaching in times of coups and uprisings of fascism and neoliberalism in the educational system.

Key-words: Popular Educator; Emancipation; Philosophy Teaching, PIBID.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FFC – Faculdade de Filosofia e Ciências

MC'S – mestre de cerimônia

MEC – Ministério da Educação

MV – Mensageiro da verdade

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

UNESP – Universidade Estadual Paulista

RAP – Rhythm and Poetry (Ritmo e Poesia)

SEDUC – Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. EDUCADOR POPULAR: TRAFICANTE DE CONHECIMENTO.....	21
2.1 PAULO FREIRE E SUAS CONTRIBUIÇÕES REVOLUCIONÁRIAS PARA A EDUCAÇÃO POPULAR	23
2.2 PROFESSOR MILITANTE NA CONCEPÇÃO DE FLORESTAN FERNANDES	30
3. O ENSINO DE FILOSOFIA E AS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID NA FORMAÇÃO DOCENTE.....	40
4. PRÁTICAS DOCENTES: O TRÁFICO	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
6. REFERÊNCIAS.....	77

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação, desenvolvida no campo do ensino de filosofia de experiência subjetiva/pedagógica tem como motivação analisar parte do que foi desenvolvido no subprojeto Filosofia do PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência, subsidiado pela CAPES e vinculado à Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, campus de Marília e somado as práticas pedagógicas com dimensões estéticas e filosóficas no ensino público, no qual atuo como professor categoria-O, lecionando as disciplinas de Arte e Filosofia, no Ensino Fundamental anos finais, Ensino Médio e EJA.

A dissertação portará como estrutura de teoria e prática o desenvolvimento da pesquisa em 5 seções norteadoras: 1. Introdução; 2. Educador Popular: Traficante de Conhecimento, distribuída em duas subseções: 2.1: Paulo Freire e suas contribuições revolucionárias para a educação popular e 2.2: Professor militante na concepção de Florestan Fernandes; 3. O ensino de filosofia e as contribuições do PIBID na formação docente; 4. Práticas Docentes: o Tráfico; 5. Considerações Finais.

A partir do pressuposto que um estudo apurado dentro da relação educador popular, estudante e política possa ser fruto crítico da relação no cotidiano das escolas e da sociedade brasileira, os trabalhos do PIBID que incluem, sobretudo, estudos partindo das experiências práticas de sala de aula nas instituições parceiras, aulas ministradas na rede estadual de ensino nas disciplinas Arte e Filosofia e estudos teóricos puderam contribuir para elevar o nível de consciência e crítica da classe subalterna, objetivo de extrema relevância da pesquisa, fruto concreto de estudos teóricos do ensino de Filosofia.

As ações didático-filosóficas na Escola, trabalhadas nas cidades de Marília e Oriente, estado de São Paulo, proporcionaram a sensibilização entre a comunidade escolar e a academia, que por vezes anêmica, foge da realidade concreta, algo importante para os futuros professores estarem situados no real e nas contradições sociais, culturais e econômicas experienciadas no convívio escolar.

Na construção de estratégias e possibilidades de habilidades, enquanto educadores, pretendemos reconhecer os diferentes níveis de cognição de estudante para estudante, buscando textos verbalizados ou textos não verbais, trabalhando com algumas formas de exposição de conteúdo, utilizando-se de exemplos

concretos a partir de textos e obras clássicas da história da filosofia ou partindo de aulas temáticas, tais como sobre opressões sociais, machismo, homofobia e racismo. Nas aulas de filosofia e arte há o estímulo a que os estudantes tenham suas autonomias de pensamento, pensar e gerar construções filosóficas a partir de suas vivências e vocabulários que salientamos senso comum, porém concreto e social. Essa prática, em níveis avançados, desmonta a noção daquela prática pedagógica tradicional que não condiz com os estudantes repletos de estímulos a partir de aparelhos tecnológicos e muita informação chegando aos olhos da classe estudantil.

Algo que um educador popular estabelece para com a sala de aula é objetivar as possíveis contribuições na formação dos sujeitos em ato pedagógico-filosófico. Para além da emancipação, há a construção de condições básicas para orientar a classe subalterna, escavar os muros da segregação social e demonstrar que a educação é um direito, que a universidade pública é um direito. Com isso, nas ações do professor-militante, orientamos os estudantes em entenderem a sociedade, os modos de vida, a superação do capital, aspectos que nos diversos temas vão tomando proporções com o avanço do ano letivo e das aulas preparadas para trazer a teoria e práxis numa proximidade com a realidade dos estudantes.

A ação que almejamos no trabalho de um educador popular é estimular a confecção dos próprios estudantes de materiais artísticos e críticos, tais como: fanzine, jornal mural denunciando o genocídio negro, construção de material audiovisual, além da fabricação de jogos filosóficos que trabalhem com teorias e jogos reais, de modo a justificar teorias com ações filosóficas pedagógicas no âmbito do ensinar, trazendo uma crítica à construção unilateral dos problemas em sala de aula.

A educação tradicional resguardada pelo capitalismo tem a funcionalidade de uma ideologia da manutenção do sistema social neoliberal, onde basta ensinar a ver o mundo de uma maneira socialmente aceita e dentro das leis e normas. O papel do educador popular é o estímulo revolucionário enquanto mestre, não um mestre que carrega a hierarquia do saber, mas aquele mestre que fornece condições para que os estudantes estejam no privilégio de serem conscientizados e situados na realidade política de suas vidas. O primeiro momento da pesquisa considera justamente a posição de um educador dentro da sala de aula.

A obra de Walter Omar Kohan, “O mestre inventor” mostra-se impulsionadora da pesquisa no sentido de que Simón Rodríguez, o motivador da obra em referência, aposta na educação de indivíduos críticos e reflexivos, partindo do pressuposto de recriar a vida. Na visão da presente pesquisa buscamos evidenciar na experiência em sala de aula, daqueles estudantes que recriam sua vida social a partir das aulas de filosofia, jovens que pensam criticamente, sem o alicerce das grandes mídias, a política e as relações sociais em que eles estão envolvidos. A busca é de recriar a função do educador popular e, ao mesmo tempo, conscientizar politicamente, dentro das aulas de filosofia os jovens, enquanto classe social desfavorecida, entendendo a história da luta de classes.

O livro resgata para os educadores os principais objetivos da atividade em capacitar os professores que possam junto aos estudantes da rede pública, agir no reconhecimento de suas maiores problemáticas e na organização de formas coletivas para superar os desafios dentro de uma aula de filosofia e arte, pressupondo essas aulas como laboratórios políticos para a formação de indivíduos capacitados em problematizar a realidade, ou seja, elementos político-sociais extra escola, ou até mesmo político-sociais dentro do ambiente escolar, que na atualidade se encontra nos móveis remanescentes do regime da ditadura militar (1964-1985).

O mestre inventor: Relatos de um viajante educador é um aprofundar-se no campo da experiência do mestre, nos dias de hoje, o educador, e o encontro com elementos da experiência que valiosos tão quanto a verdade buscada por filosofias idealistas. A obra é a transformação que nós temos que entender como produto das relações dentro de sala de aula, o ato da educação, o transmitir conhecimento, traficar informação para além do capital.

O pensamento de Walter Omar Kohan contribui a partir dos estudos sobre Simon Rodríguez, um dos principais nomes que lutaram pela descolonização das Américas, e de importância para a educação na época das Américas enquanto Colônias. A educação para Simon Rodríguez é revolucionária, pois uma educação popular significa inverter a ordem social e os valores. Para manter uma revolução é necessária uma educação revolucionária, para todos:

[...] o que caracteriza o professor é muito mais sua dedicação ao estudo do que os conhecimentos que possui. (...) Professor é o que estuda e forma no estudo. Isso é o que mais transmite um professor, o que os seus estudantes aprendem: uma relação com o

saber, com os livros, com a vida, uma dedicação ao estudo tão fascinante e vital que os estudantes não podem não querê-la para si, para a sua própria vida e, em uma escola, bem entendido, para todos os membros de uma sociedade. (KOHAN, 2013, p. 86-87).

O papel do educador popular para Simon Rodríguez é o daquele que está à disposição a todos, não é um sábio que só tem o conhecimento e o guarda para si, ou simplesmente transmite seus conhecimentos. O educador de Rodríguez é aquele que está disposto a todos os estudantes e, ao mesmo tempo, consultando as possibilidades do jovem. Esse é o primordial para a finalidade do ensino, segundo Simon Rodríguez. O educador que Rodríguez distingue positivamente são aqueles que ajudam para que todos saibam. O professor necessita, é claro, de conhecimentos, mas não só isso basta, é de suma importância que os mestres saibam "ajudar a estudar", "ensinar a apreender", "incitar" e "excitar" os alunos, cada um na sua especificidade no desejo do saber.

O aceitamento passivo dos modos de vida impostos pelo contexto histórico e social são para Gramsci anomalias para a formação do indivíduo enquanto crítico da realidade em que vive, ou seja, um filósofo. Na passagem a seguir está evidenciada a teoria do filósofo italiano no tocante à aceitação de mundo dado das Instituições para com o senso comum, entendido na presente pesquisa, os alunos da rede pública de ensino:

... é preferível "pensar" sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, "participar" de uma concepção de mundo "imposta" mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos vários grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde a sua entrada no mundo consciente (e que pode ser a própria aldeia ou a província, pode se originar na paróquia e na "atividade intelectual" do vigário ou do velho patriarca, cuja "sabedoria" dita leis, na mulher que herdou a sabedoria das bruxas ou no pequeno intelectual avinagrado pela própria estupidez e pela impotência para a ação) **ou é preferível elaborar a própria concepção de mundo de uma maneira consciente e crítica** e, portanto, em ligação com este trabalho e o próprio cérebro, escolher a própria esfera da atividade, participar

ativamente na produção da própria história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade? (GRAMSCI, 2004. p. 93-94; **negrito nosso**).

O ambiente exterior pode-se encaixar na Escola Pública, que tem o papel de apenas dar aos estudantes o ensino intelectual, mas de forma a ser uma Instituição que apenas entrega as concepções de mundo para a classe estudantil, sem ao menos desenvolver nos estudantes a crítica da realidade, formando apenas mão-de-obra barata e sem emancipação. A forma de avaliação de série continuada estabelece que a partir da presença em sala de aula e nota mínima coloque o grau de avanço nos estudos dos estudantes, porém não determina os conteúdos que devem ser assimilados pelos mesmos. A escola enquanto Instituição tem sido não uma recriadora de concepção de mundo da juventude, mas sim um espaço de conformismo de se apegar ao modo de vida dado pelas outras Instituições que estão fora da Escola.

Para Antônio Gramsci, o preferível é mesmo que o senso comum seja capaz de elaborar sua própria concepção de mundo, de uma maneira crítica e consciente, isso o faz ser filósofo ativo nas atividades do mundo, participando ativamente da história do mundo. A construção de seu próprio mundo dentro das concepções o conduz ao não aceitação simples e conformista do exterior, não aceitar de modo servil o que as Instituições querem para a juventude como modo de vida passivo.

O senso comum (estudantes) tem que buscar dentro da elaboração de sua crítica da realidade, almejar criticar o mundo político que articula totalmente suas vidas.

Com efeito, essa finalidade talvez seja mais importante que um filosofar academicista, tal como criticou Gramsci, na Nota IV, do primeiro capítulo do *Cadernos do Cárcere*, que é a seguinte:

O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato "filosófico" bem mais importante e "original" do que a descoberta, por parte de um "gênio filosófico", de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais. (GRAMSCI, 2004. p. 96).

No pensamento de Gramsci em relação à instrução do povo, pensando a teoria dentro da Escola, pode-se entender "multidão de homens" como os

estudantes. As possibilidades da politização dos estudantes se dão em uma ordem intelectual e moral, portanto, na criação de uma cultura de consciência e crítica na esfera escolar. Pensar e repensar a realidade, esse pode ser o pensamento unitário da classe estudantil, na superação dos determinismos sociais que estão sendo atingidos desde a formação da escola unilateral, passando pelo vestibular que barra uma grande parcela dos estudantes de classes desfavorecidas e na vida dos estudantes no trabalho ou outras apropriações pós escolaridade.

Os legados de um educador popular devem passar-se para a humanização do educador, que postado nas batalhas do sistema educacional é veemente brutalizado e objetificado, segundo o sociólogo Florestan Fernandes. Outro referencial para o projeto, se metamorfosea com o marxista brasileiro, nos traz alguns conceitos primordiais para compreendermos o professor militante, tais como:

Então, faz parte da situação de um país subdesenvolvido a existência de uma infinidade de situações nas quais o professor precisa estar “armado” de uma consciência política penetrante. Ele é uma pessoa que está em tensão política permanente com a realidade e só pode atuar sobre essa realidade se for capaz de perceber isso politicamente. Portanto, a disjunção da pedagogia ou da filosofia e das ciências ou da arte, com relação à política, seria um meio suicida de reagir. É algo inconcebível e é retrógrado. O professor precisa se colocar na situação de um cidadão de uma sociedade capitalista subdesenvolvida e com problemas especiais e, nesse quadro, reconhecer que tem um amplo conjunto de potencialidades, que só poderão ser dinamizadas se ele agir politicamente, se conjugar uma prática pedagógica eficiente a uma ação política da mesma qualidade. (FERNANDES, 2019, p. 82).

Florestan nos atenta da suma importância do professor ser militante, aquele que acredita e promove as “mudanças”, no sentido de transformação da realidade por vias da luta de classes, assim como o proletariado na década de 70, pensando o contexto da referência. O professor deve ser crítico, humanizador das culturas que destoem das da classe dominante burguesa. O educador soma as suas atuações pedagógicas no intuito de torná-las politizadas na teoria e práticas pedagógicas políticas.

O educador popular no contemporâneo é um assalariado, precarizado e tem seu trabalho vigiado por uma secretaria da educação maquiavélica que detém a ideologia burguesa da série continuada, e outras metodologias neoliberais de educação que atrofiam a atuação política dos professores e professoras da rede

estadual de ensino, precisamente no estado de São Paulo, onde reina o império do PSDB há décadas.

A dissertação em sua amplitude teve como objetivo geral contribuir para a valorização da escola na formação crítica do estudante, ou seja, superar o modelo de escola que o faz unilateral. O intuito da presente dissertação é dado em dois momentos: o primeiro de enquanto professores/estagiários em contato com estudantes e sala de aulas através de aulas bem preparadas, táticas de discorrer aulas teóricas, subjetivas como filosofia, estéticas nas aulas de arte e tatear temas filosóficos e práticas artísticas para um porte próximo do político e social, situando os estudantes na realidade concreta do país, isso é o que se pode dar início ao processo de emancipação da classe estudantil, consciência e crítica da realidade, e o segundo momento da pesquisa é de formar educadores populares, enquanto estagiários/professores sem a hierarquia do saber, encaminhar de forma popular e participativa os temas, aulas, oficinas políticas, confecção de fanzines, construção de debates construtivos, elaboração de jogos filosóficos, desconstrução de preconceitos, construção do histórico de lutas e movimentos sociais no Brasil. Esses dois momentos se mostram objetivos específicos para a busca do objetivo geral que é justamente, a fim de formar um trabalho de base para com os educadores e traficar informação para a classe subalterna.

Diante do contexto político e cenário sombrio do ano de 2020, na política e sob ascensões fascistas do governo, temos que escavar o papel do educador popular nesses tempos, elucidarmos como os educadores enfrentaram tantos golpes no cotidiano do trabalho e vida. Os objetivos se modificam ao passar dos processos históricos, o cenário é o estado de guerra para os professores e professoras das redes estaduais de ensino, que se afogam nas atividades remotas no período pandêmico da COVID-19.

Objetivamente utilizaremos o termo “guerrilheiro” da educação para o papel do educador popular, vestir-se no sentido de ter para si o tráfico de informação como arma crítica em tempos de educação distanciadas.

A dissertação em seu âmbito antes de tudo, de uma luta enquanto educador popular, perpassa pela metodologia de trabalho em dois momentos: um estudo bibliográfico para o suporte subjetivo e de teorias carregadas de filosofia da educação, ensino de filosofia e estéticas filosóficas de ensino de arte e para além de reflexões o principal componente do projeto de pesquisa: a pesquisa de campo

em escolas públicas no intuito de estabelecer constantes experiências pedagógicas-filosóficas em sala de aula. O referencial teórico de teor gramsciano com vistas ao estímulo da obra de Walter Omar Kohan e o conceito de professor militante de Florestan Fernandes se faz de extrema importância para uma análise popular da conjuntura político social no país, atenciosamente nos móveis públicos de ensino.

A metodologia do ensino de filosofia é desenvolver ações pedagógicas a fim de intervir na classe subalterna, incitar o conhecimento, estimular o papel revolucionário na educação básica e da função primordial de um educador popular em tempos sombrios de golpe no sistema executivo e judiciário.

Aos estudos na temática da filosofia da educação e ensino de filosofia se somaram uma análise de conhecimentos, experiências e reflexões dos estudantes do ensino médio e do senso comum, de maneira que por meio das teorias estudadas, especialmente a sala de aula como espaço de consciência, fossem buscadas possibilidades de relacionar os conhecimentos e experiências do senso comum (estudantes) com a atividade filosófica de um educador popular. A figuração da pesquisa se constituiu de estudos e experiências em sala de aula buscando as possibilidades de conscientização política dos estudantes, enquanto classe desapropriada de uma consciência crítica da realidade na qual estão inseridos, confeccionando ações de atividades e trabalhos ativos nos temas filosóficos que comportem isso que dita o ritmo do mundo, da realidade de todos os estudantes, a política, em suas pequenas e macros interações com o indivíduo.

O segundo momento metodológico do presente texto educacional, fora resgatar as ações trabalhadas e confeccionadas ao longo do subprojeto PIBID (a prática em método e tráfico de informação) somado às experiências de educador em terras públicas das Escolas Estaduais da cidade de Marília e região. Atividades pedagógicas filosóficas no âmbito de trazer jogos filosóficos, produção cultural (fabricação de fanzines e documentário) e ministrando desconstruções das variadas contradições sociais que são permeadas de preconceitos, teorias reacionárias e discursos de ódio (o feto do fascismo). Os métodos práticos são possibilidades para o despertar da ilusão do capital na juventude estudantil.

A prática pedagógica filosófica e artística sob as trevas dos novos dias, fala-se “do novo normal”, mas para quem está na classe subalterna isso sempre foi uma existência: o genocídio, a miséria e a pandemia decorrentes das variações do vírus da COVID-19, massacra os mais pobres, vulneráveis socialmente. Qual o papel

fundamental do professor, da professora na rede pública de ensino? No meu entendimento, temos que ter no horizonte a subversão que se concentra na prática revolucionária de sermos antirracistas e antifascistas.

O educador popular em suas significações e escrita, evidencia como as crianças desafiam, e se mostram inspirações em tempos sombrios. O soltar pipa com cerol, sabendo lançar as pipas dos inimigos de nossa classe, é questão de experiência lúdica das ruas desse trópico em pandemia intermitente. As nossas crianças querem viver, lutam diariamente contra fome, violência física e psicológica, o vírus do COVID-19, e o vírus da polícia militar com aval dos governos genocidas. Queria que o Mágico de Oz trepidasse das letras do Racionais Mc's, se metamorfoseasse em nossos delírios realistas pedagógicos dessa década do obscurantismo desse bolsonarismo, que injeta desconfiança no povo pela medicina e ciências. Que se ensine música negra para vossas crianças, que os anjos pretos iluminem o jazz, ensine o hábito da literatura, trafique informação para que essas trevas fascistas e racistas sucumbam na ordem dos dias.

Subverter é um ato ético, epistemológico, ontológico, revolucionário e estético que devemos compor nos trajetos históricos da humanidade.

As resultâncias da pesquisa e prática de educador ficaram permeadas pelo estado de paralisia, em decorrência do ensino remoto das escolas públicas, diante da crise pandêmica do Covid-19 no ano de 2020 até meados de 2021, porém as atividades nas diversidades de temas filosóficos e artísticos foram retomadas a todo vapor. Algumas ações e atuações pedagógicas no viés filosófico e artístico foram proveitosas em meses anteriores e nos anos entre a vida de estagiário PIBID e de professor categoria-O na rede estadual de ensino. Os resultados em exame serão mais bem avaliados, analisados, refletidos, dissecados metodologicamente ao longo da escriba da futura tese e detêm pretensões revolucionárias dentro do ambiente da escola pública brasileira.

A dissertação se desenvolveu em processo de confecção dos procedimentos metodológicos e produção da teoria em culminância com a prática nas escolas públicas do Estado de São Paulo, em que atuo e trabalho ministrando aulas de Arte, aulas de Filosofia e oficinas criativas de literatura e poesia. O texto em sua dimensão subversiva teve como objetivo geral contribuir para a valorização da escola na formação crítica do estudante e da formação dos educadores populares, resistindo à ação do tempo do neoliberalismo educacional e protofascismo brasileiro

que orquestrados, querem esmagar a educação com cortes e precarizações do ensino público brasileiro gratuito e de qualidade.

O embrião do presente escrito residiu em formulações dirigidas a se desenvolverem diante dos processos históricos, dos desafios e angústias produtoras de teoria pedagógica e filosófica. Os objetivos que se demonstram nos momentos da elaboração da dissertação podem ser evidenciados em algumas questões do educador em luta, do professor militante que busca as possibilidades de transformação social, política, ética, artística e cultural.

São questões pedagógicas de suma importância: Qual o papel do educador popular? Como o guerrilheiro nas trincheiras da educação pública busca traficar informação e subverter a realidade educacional? Quais as possibilidades de práticas e ações de emancipação e seus possíveis triunfos pedagógicos em sala de aula e no ambiente escolar? Como destruir as opressões sociais na classe estudantil? Dentre algumas questões centrais o projeto se construiu na articulação teoria e prática em busca dos direitos dos humildes, dos direitos dos filhos e filhas de trabalhadores e proletários brasileiros. Advogamos que o tráfico de informação se faz necessário e o papel do professor e educador nos transmitem responsabilidades concretas da realidade educacional dos sistemas de educação e ensino brasileiro.

2. EDUCADOR POPULAR: TRAFICANTE DE CONHECIMENTO

De modo geral, a dissertação objetiva como proposta pedagógica, filosófica e revolucionária, a escrita de pesquisa e prática das contribuições na formação do educador para o povo brasileiro, um ser humano guerrilheiro das trincheiras do campo educacional, capaz de buscar a emancipação dos estudantes, filhos e filhas dos trabalhadores brasileiros.

Na perspectiva filosófica, a dissertação desenvolverá seu teórico formador no campo discursivo e da alcunha do domínio da práxis, como de um mensageiro do conhecimento. Utilizo-me das referências não somente das filosofias, sociologias e pedagogias na presente obra, sobretudo, trago literaturas marginais e periféricas, como o RAP- Ritmo e Poesia, estilo de música, gênero musical e modo de vida de muitos jovens oriundos da classe subalterna, para me acompanhar nessa missão de pesquisa e vida, enquanto educador popular e pesquisador do ensino de filosofia e ensino de arte nas escolas estaduais públicas do Estado de São Paulo.

O traficante de conhecimento é sobretudo, o educador popular e aquele mestre inventor que inventa seu modo de ensinar, engajado com a realidade das/dos estudantes da rede pública de ensino.

No domínio da prática docente, apresento-me como educador popular e pesquisador, ao passo, que sempre estive nos espaços escolares públicos em minha formação na educação básica (infantil, fundamental e médio), no estágio do PIBID/Filosofia (quatro anos) e por fim na minha profissão na carreira docente desde 2018, como professor de Filosofia e Arte no ensino público.

O objeto de pesquisa, o educador popular, sempre esteve presente na minha vida educacional, seja nas percepções enquanto aluno, estagiário e professor nos espaços públicos de ensino. Na dissertação busco os aparatos teóricos que me subsidiem os elementos necessários para a formulação da identidade do educador popular, as experiências, contribuições e atos docentes no sentido do tráfico de informação.

O encontro com o objeto de pesquisa findou-se nos processos de estágio no subgrupo PIBID/Filosofia na UNESP/Campus-Marília/FFC com ações em escolas públicas na cidade de Marília, estado de São Paulo. A percepção enquanto estagiário mostrou-se pertinente com relação à experiência docente, nas ações em sala de aula

e a falta de interpretação da realidade por parte dos estudantes. Foi o modo filosófico da inquietude que tudo produz no ser pesquisador da educação brasileira, que foi o motor motivador da presente dissertação, lá em tempos de estagiário.

O que seria esse tráfico do título de minha dissertação? Esse traficante tratado na presente seção versa sobre o educador popular que se transfigura em ser humano vindo da classe subalterna, lutando constantemente pelas melhorias e transformações educacionais. Quem são os traficantes?

O termo “Traficando Informação” resgato da literatura da cultura hip hop, especialmente do rap produzido pelo artista e rapper MV Bill, vulgo do carioca Alex Pereira Barbosa, tido como um dos maiores MC’S (mestre de cerimônia) da música brasileira. A sigla “MV” mensageiro da verdade, mostra-se um dos domínios e objetivos de um cantor e compositor do RAP, sempre utilizando-se da arte e cultura para promover as mudanças sociais no cenário brasileiro.

A estética acadêmica da escrita fora proposta de minha parte na utilização do termo que denomina o educador popular, o traficante de informação, o traficante de conhecimento, o traficante da verdade dos oprimidos. De maneira central, o conceito de educador popular versa pedagogicamente na palavra traficante como aquele ser social que se prontifica nas frentes culturais, artísticas e formadoras da juventude nas escolas públicas.

A pesquisa em educação transformadora é uma possibilidade severa de modificar a estrutura das pesquisas platônicas que não revolucionam a instituição escolar, somente proporcionam o avanço da educação enquanto mercadoria do capital das empresas da educação.

O objeto da pesquisa, o educador, a educadora popular, seja em quilombos, seja nas periferias, seja nas vilas do interior, seja em assentamentos do MST, ou em sindicatos, movimentos sociais de trabalhadores, movimentos feministas e indigenistas, esses movimentos políticos vivos e reais são o ato de enfrentamento contra os governos conservadores que enxugam o orçamento nas políticas públicas da educação e corrobora para o avanço do pensamento da classe dominante conservadora e fascista.

Nesses processos de enfrentamento no campo educacional, trago como maestros motivadores da presente seção da dissertação, o sociólogo Florestan Fernandes e o filósofo patrono da educação brasileira Paulo Freire. As obras trabalhadas para confecção da presente seção fora o livro “Pedagogia da Autonomia-

Saberes Necessários à Prática Educativa” de Paulo Freire, o artigo de Florestan Fernandes “A educação como problema social”, de 1960 e o texto “A formação política e o trabalho do professor?”, também de autoria do sociólogo.

Para a busca da identidade do educador popular nos tempos contemporâneos em escolas públicas, mostra-se a necessidade de pensarmos o professor e a professora com o caráter político em sua essência e prática docente. Contudo, não somente um simples educador reformista, mas de maneira transformadora a demonstrar e redigir o educador revolucionário que estabelece as possibilidades de transformações sejam culturais, sociais, éticas e políticas na esfera escolar.

2.1 Paulo Freire e suas contribuições revolucionárias para a educação popular

O professor de filosofia e professor de arte no ensino público utilizando-se da pedagogia contra as opressões sociais, aquela forma docente que combata a transfobia, racismo, machismo, ódio aos mais pobres, visa no plano teórico as contribuições de nosso Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire. Precisamente, da obra *“Pedagogia da Autonomia-Saberes Necessários à Prática Educativa”*.

O filósofo Paulo Freire é o patrono da educação brasileira, é um dos brasileiros mais célebres do século XX. Nascido em 1921 e falecido no ano de 1997. Um dos pensadores mais lidos no mundo, segundo levantamento de diversas Instituições e Universidades. Escreveu dezenas de livros, sua obra é fundamental para o Brasil, não somente pelo entendimento dos processos educacionais dos tempos contemporâneos, mas para compreendermos o mundo e suas contradições. Alguns conceitos são centrais em sua obra, tais como: dialogicidade, autonomia, práxis, ação, reflexão, crítica, utopia, liberdade, esperança, democracia, ideologia e demais expressões e categorias filosóficas que compõem seus livros de visão da realidade histórica e concreta.

As contribuições que evidencio do filósofo Paulo Freire, permitem dimensionar a reflexão crítica em relação às práticas educativas progressivas em favor da autonomia do ser educando, conjuntamente a formação docente, aqui tratado como educador popular, no que dissertamos em prol das possibilidades de revolução no cotidiano da Escola. Como pensamento militante de um professor no ensino público,

a crítica à “malvadez” neoliberal dos governos em sua ideologia perversa é umas das defesas crônicas instauradas na luta nas práticas formadoras.

Ensinar filosofia e arte é trabalhar teoria e prática de modo a aprofundar a realidade concreta dos educandos com os temas e conteúdos filosóficos da sala de aula, como pensa e escreve nosso educador da pedagogia da autonomia:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto às indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não a de transferir conhecimento. É preciso insistir: este saber necessário ao professor - de que ensinar não é transferir conhecimento - não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser - ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido. (FREIRE, 2021, p.47)

O educador popular é produtor do saber, o que ensina, o ser que cria possibilidades no ensinar. É o docente que constrói pontes de conhecimento, dá acesso à informação, trafica epistemologia. Quando Freire nos atenta em sua obra citada, que aquele professor democrático em sua metodologia deve estimular a capacidade crítica dos educandos, os aproximando dos objetos cognoscíveis a eles, ou seja, em aulas em que trabalho a cultura Hip Hop e filosofia política e demais temas que estão no dia a dia dos estudantes, os aproximo daquela curiosidade pelo conhecimento, despertando o interesse, a participação em atividades práticas. Esse é quadro que defendemos no embrião do educador popular, aulas teóricas e práticas em filosofia e arte que nos processos de ensino e aprendizagem a crítica e consciência vão tomando forma e conteúdo na participação dos seres educandos.

Trabalho há anos em escolas periféricas e umas das belezas docentes estão justamente na capacidade e possibilidade de subverter e descobrir o mundo nas relações sociais no âmbito escolar. Reside nesse sentido o respeito à sabedoria do educador e dos educandos. Nas aulas a metodologia que melhor se desenvolve são aquelas aulas, trabalhos, atividades, documentários, longa e curta metragens que englobam saber, conteúdo e realidade concreta da periferia e isso vai formulando a ética nos seres educandos, o seu lugar, a sua vila, a sua comunidade vão eclodindo em que Paulo Freire define “Respeitar os saberes dos educandos das classes populares”. Quando trabalho a vida e obra dos artistas e rappers do grupo Racionais Mc’s em sala de aula, a discussão seja em aulas de filosofia ou aulas de arte tomam

rumos transformadores, pois a realidade visceral das crianças e adolescentes estão presentes nas discussões, debates e atividades.

O despertar, a curiosidade, a inquietação, o perguntar, exercícios metodológicos que acionam a criticização e criatividade da juventude motivam jovens insatisfeitos e indóceis com horários, grades, sinais e resistentes a ficarem apenas estáticos em um quadrado de sala de aula, a buscarem conhecimento crítico e, permito me alongar, se colocarem conscientemente contra o punitivismo conservador enraizado nas escolas públicas.

A subseção de Freire (2021, p. 34) “1.5-Ensinar exige estética e ética” da obra do filósofo estudada na presente dissertação, propõe o modo óptico do papel transformador do educador popular, a boniteza (estética) e decência (ética) bem traçados nos métodos docentes, pois bem no caráter formador do educando, deve-se proporcionar a formação moral. Com isso, compreendo e avanço na pesquisa em que demarco, a importância de uma ética de subversão nas ações pedagógicas e filosóficas em sala de aula.

Nesses tempos difíceis de desgoverno federal e avanço do pensamento conservador fascista contra educação, ciências e medicina, a dissertação trepida sob a máxima: Qual papel a ética pode cumprir na educação pública? Ensaando as noções e acúmulos práticos do educador popular em sala de aula, precisamente e pertinentemente trabalharemos os valores estéticos e éticos na disciplina Arte e Filosofia.

O contexto político, social, econômico e sanitário submerge em meio à pandemia do COVID-19, vírus que afetou e afeta o mundo e nos traz à tona o plano perverso do gabinete do ódio na presidência da Terra Brasil.

O distanciamento social, quarentena e isolamento social são momentos oportunos de refletirmos o ato do educador popular em sala de aula. Resgatarei algumas experiências pedagógicas, artísticas que compele a estética em si, para pensarmos a ética na escola pública, sobretudo nas ações do educador popular.

A prática pedagógica filosófica e artística sob a treva fascista dos novos dias, fala-se “do novo normal”, mas para quem está na classe subalterna isso sempre foi uma existência: o genocídio, a miséria e o vírus da Covid-19 massacra os mais pobres, vulneráveis socialmente e qual o papel fundamental do professor, da professora na rede pública de ensino? No meu entendimento temos que ter no horizonte a subversão que se concentra na prática revolucionária de sermos antirracistas e antifascistas.

O educador popular em suas significações e escrita, evidencia como as crianças desafiam, e se mostram inspirações em tempos sombrios. O soltar pipa com cerol, sabendo laçar as pipas dos inimigos de nossa classe, é questão de experiência lúdica das ruas desse trópico em pandemia intermitente. As nossas crianças querem viver, lutam diariamente contra fome, violência física e psicológica, o vírus do COVID-19, e o vírus da polícia militar com aval dos governos genocidas. Queria que o Mágico de Oz trepidasse das letras do Racionais Mc's se metamorfoseasse em nossos delírios literários, pedagógicos realistas dessa década do obscurantismo desse bolsonarismo, que injeta desconfiança no povo pela medicina e ciências. Que se ensine música negra para vossas crianças, que os anjos pretos iluminem o jazz, se ensine o hábito da literatura, trafique informação para que esses sóis fascistas e racistas sucumbam na ordem dos dias.

A atmosfera das práticas em sala de aula nos permite, enquanto educadores sermos estratégicos no cotidiano da escola pública. Com o filósofo e ativista Silvio Almeida temos a dimensão da luta antirracista, e da importância em termos a consciência que o sistema capitalista é uma estrutura racista:

Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça o indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas¹. (RIBEIRO, D, 2019. p.13)

A estrutura capitalista, estruturas essas dissecadas pelo sistema neoliberal de exploração do trabalho, nitidamente é composta por planos da classe dominante em permanecermos em exploração, permanecermos em estado de racismo em todos os setores da sociedade.

O meio pedagógico encontrado em aulas de Arte e Filosofia no ensino público estadual para fortalecer o combate ao racismo está centrado em atividades tais como: oficinas de fanzine. O fanzine é um modo dos estudantes produzirem seus próprios livretos, literaturas individuais com a simplicidade de papel, tesoura, cola, recortes de revistas, desenho e a criatividade que nossa juventude periférica está permeada. O fanzine ficou conhecido em nosso país na década de 70, com a geração de escritores à margem dos setores editoriais que mimeografavam seus livros e vendiam de forma independente para a proliferação das literaturas, nomes como Ana Cristina César,

Cacaso, Paulo Leminski entre outros grandes escritores perpetuaram essa prática clandestina em tempos de Ditadura Militar no Brasil (1964-1985).

O educador que flerta com princípios libertários da educação, clandestinamente luta contra o racismo estimulando os estudantes ao pensamento crítico da realidade. Aulas temáticas apontando os conceitos de opressão social, discriminação racial, violência policial e o genocídio das populações jovens pretas e periféricas são trabalhadas de forma consistente antes de iniciarmos as oficinas em sala de aula. A confecção de fanzines é um ato revolucionário do cotidiano do estudante, antes de colocarem “as mãos na massa”, temos um compromisso com o debate e explicação com conteúdo e elementos audiovisuais.

Os estudantes ficam fascinados em como a realidade pode ser criticada e desenvolvida na produção de fanzines: são criações poéticas, elementos das artes visuais, citações de letras da MPB, do RAP e do samba, demonstrando o enriquecimento da identidade cultural nos processos pedagógicos/artísticos.

Vamos tripulantes dos estudos éticos: Qual o papel da ética em sala de aula? O pensamento do educador popular é de buscar as possibilidades de debater, perguntar, indagar, criticar, isso primeiramente se concretiza com a luta e resistência, é um dever quase que moral para professores buscarem o ensino de uma ética humanista, que rompa com todos os preconceitos criados pela classe dominante (essa mesmo dos tempos dos senhores de engenho, que ainda se utilizam a máquina estatal para produção de exclusão social, os mesmos que difundem as eras das chacinas, a mesma que cria leis e dispositivos para a difusão do assassinato das minorias sociais em nosso país), aulas que estejam situadas na realidade vigente, criação de condutas éticas anti opressões sociais, demonstramos essas lutas diárias, que com o autor marginal Sérgio Vaz fica poeticamente visível “*Não confunda briga com luta, briga tem hora para acabar e luta é para uma vida inteira*”. Tomamos essa linha de conduta ética para termos a dimensão de uma luta antirracista nas paredes das escolas públicas.

A estética tem um fator importantíssimo na luta contra as opressões em nosso país, a estética atrelada a uma ética revolucionária do cotidiano é uma contínua “quebrares” as algemas que os nossos povos subalternos carregam, a sala de aula é o espaço cênico, artístico, musical, pedagógico onde todas as disciplinas podem desempenhar a crítica, a consciência e fortalecer o rompimento dos preconceitos nas

crianças e jovens. Essa é uma ética que todo professor deveria utilizar em suas práticas, dos atos de ensino, aprendizagem e subversão.

Subversão é romper, é findar, lutar contra os opressores, derrubar a hegemonia da classe dominante racista, modificar realidades, demonstrar como dizia Jorge Ben “o negro é lindo”. São práticas que derrubam os muros do fascismo, do conservadorismo. Subverter é um ato que devemos compor nos trajetos históricos da humanidade.

Para o filósofo grego antigo, Aristóteles (384-322 a.c), a eudaimonia, a felicidade pode ser transformada por atitudes éticas que promovam a melhoria das relações de uma sociedade, isso lá nos atemporais gregos antes de Cristo, nas Polis. Isso não se modifica em grande medida, pensando na mediania aristotélica devemos buscar o equilíbrio dos conceitos, ações pedagógicas, a fim de estimularmos virtudes boas para a nossa sociedade, a estética pode ser isso? O educador popular é o subvertor das realidades em que está inserido como profissão e militância política de vida com ações éticas que promovam e busquem no cotidiano das escolas um estímulo de mudanças de condutas, que por vezes oriundas da classe dominante branca e rica, tais como preconceitos raciais estruturantes.

A estética contém seus valores culturais e artísticos permeados pela identidade cultural. O Brasil com todas suas tradições das artes, muitas com bases históricas e das tradições da cultura Africana, lembram que nosso país é o que mais recebeu africanos na era sombria dos tráficos negreiros. Cerca de 12 milhões de escravizados pelos europeus por aqui chegaram nos séculos passados, ou seja, o Brasil é o país mais africano fora do continente da África. 58% da população brasileira são de negros e negras. Isso possibilita entendermos da suma importância moral e ética em termos como alicerce de ensino e aprendizagem a luta contra o racismo e demais opressões sociais no contexto das escolas públicas.

Os processos educativos do educador popular são transformações e suas possibilidades de construir mudanças nas realidades estudantis, trabalhando a desconstrução do racismo e fascismo na delirante realidade do Brasil, país regido por um genocida militar e toda sua trupe do obscurantismo ideológico, político, moral e ético. O papel da ética é o que norteia as ações, práticas pedagógicas e artísticas do professor em sala de aula, aquele mestre social que não detém a hierarquia de um conhecimento, mas sim o educador-guerrilheiro das trincheiras do sucateamento da educação básica, que com sua luta e engajamento busca emancipações e suas

relações em transformar a conduta dos estudantes para ações antirracistas. Assim, como pensa a filósofa Djamila Ribeiro, é urgente as práticas antirracistas e não podemos nos aliviar com a inação, a inação é aceitação e comodidade com as relações sociais. Devemos ser, no meu entendimento, os mestres revolucionários das realidades. Na micropolítica em escolas públicas se constroem a resistência e luta contra o fascismo e racismo em tempos de pandemia, em tempos de genocídio acelerada das populações pretas pobres e periféricas.

Cessarei a seção demonstrando que nos processos educativos, pedagógicos/artísticos de transformações, a ética cumpre papel de “primeiro volante”, protegendo e sendo ofensivo na luta diária contra o racismo estrutural e sistêmico do neoliberalismo. Permeando metamorfoses estéticas, aceno e encerro a seção fundamentado em teorias de filósofos, sociólogos e pedagogos que nos fortificam e defendem a escola pública, a educação e fortalecem a teoria e prática que possibilita as transformações sociais, culturais, políticas, filosóficas e pedagógicas. Nos âmbitos da Escola, o educador popular é o ser humano com a capacidade se subverter a ordem dos tempos sombrios, com as possibilidades do tráfico de epistemologia para as classes subalternas e periféricas. Encerro com a letra do ativista, compositor e rapper, Eduardo Taddeo, que faz críticas contundentes em suas letras:

Não reconheço nenhum tipo de autoridade
Instituída com as tragédias que devastam minha classe
Leis não significam **ética, justiça ou moral**
Só a vontade de quem comanda o exército mais letal
Sem ilusão irmão, é política da empresa
Não ter no setor administrativo a pele negra
Não importa seus idiomas, status de diplomado
Sua inteligência e capacidade vão pro almoxarifado
O Artigo quinto só funciona pro marginalizado
Com dinheiro embalado a vácuo, enterrado
Quem abraça criminalização na notícia manipulada
Não vê que o bandido não tá na Trailblazer cercada
Tá no Legislativo e no Executivo inflados
Com 90 por cento de casos e mandatos desnecessários”

Buscando o que é meu por direito, Eduardo Taddeo.

Subverter nas escolas públicas é potencializar mudanças sociais, éticas e políticas para com a nossa juventude das classes subalternas, filhos e filhas da classe trabalhadora. Se educação é um direito, subverter é revolucionário.

2.2 Professor militante na concepção de Florestan Fernandes

O sociólogo Florestan Fernandes contribui para a construção de meu pensamento da práxis. Em seu texto *“A formação política e o trabalho do professor?”* a tese do pensador é de que o professor tem de ser um professor- cidadão, um ser humano rebelde, aquele ser humano que promova as mudanças em dois âmbitos, dentro e fora da escola.

Florestan Fernandes nasceu em São Paulo, em 1920, e faleceu em 1995. Foi professor catedrático na cadeira de Sociologia I da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Consolidou uma trajetória singular de suma importância na sociologia brasileira, consagrando-se como um dos maiores estudiosos da realidade brasileira, realidade social do país e engajando-se politicamente em movimentos que buscavam como centro de ações o combate às injustiças sociais vivenciadas pela população brasileira. No período do fim da década de 1960 foi afastado da universidade pela ditadura militar, que se utilizava do nefasto nº5, de 1969. Exilou-se para o Canadá, lecionando na Universidade de Toronto. Foi um dos precursores da sociologia crítica, trazendo em sua obra os principais problemas sociais brasileiros.

No sentido histórico, Florestan faz o resgate de como o trabalho do educador foi objetificado na sociedade brasileira: houve nesses processos desde o Brasil Colônia, a brutalização cultural aos professores além da limitação do horizonte cultural dos trabalhadores da educação.

As transformações são processos de quando há ação prática de agentes de revolução, diante a organicidade do complexo de mundo. No âmbito da educação pública e da Instituição Escola, a prática docente transformadora é a que se encadeia a uma consciência prática contra a ordem do mundo, nas Unidades Escolares, um mundo de hierarquias com neoliberalismo das empresas da educação (privado) introjetando-se na rede estadual, pensamento conservador de docentes e professores de gestão escolar e os malefícios dentro da comunidade escolar, tais como vigiar e punir, materiais didáticos interdisciplinares enxutos de criticidade e rigor metodológico na aprendizagem, entre outros males do sistema do capitalismo.

O encadeamento de ações do educador em sala de aula ou nos espaços de tomada de decisão escolar, prontifica-se como o agir contra o que é dado como “certo”, “está na legislação” ou “conforme portarias da SEDUC - Secretária da

Educação do Estado de São Paulo”. A legitimidade de um bom profissional se conclui ao limiar de como o educador se porta diante os legalismos de um sistema neoliberal que se estabelece nas demandas e ações de leis na Secretária da Educação de São Paulo. Essa ordem que devemos contrariar, enquanto marxista e professor é o *modus operandi* essencial e político, que Florestan Fernandes nos alertava em seus escritos sobre a situação da educação no Brasil.

As reflexões de Florestan Fernandes em seu texto e as relações que estabeleço com meu trabalho de educador projeta como encontrei meu objeto de pesquisa, o educador popular. O objeto bem demarcado, estabelece várias problemáticas a serem refletidas, buscando contribuições e experiências docentes em meu trabalho de pesquisa e trabalho prático.

O educador popular postulado na dissertação encontra-se nos espaços públicos de ensino, nas escolas estaduais, escolas municipais, sobretudo, na educação básica. O professor constantemente encontra-se atrelado a desenvolver seus atos educativos sob a tutela de uma Secretária da Educação cada vez mais próxima da mercantilização da educação e deve comprometer-se com a estrutura burocrática estatal. Porém, o educador popular que traçamos na pesquisa, é justamente o contrário, escrevemos os educadores e educadoras revoltosos e que subvertem na ordem dos dias maquinais, modificam as relações com estudantes, com processos de ensino-aprendizagem.

O trabalho que escrevemos é de identificar o direito social à educação pública, gratuita e de qualidade, de compreender as camadas mais pobres da sociedade brasileira como detentoras de direitos sociais, com contribuições de Florestan, o professor tem de ser um cidadão e levar essa mensagem de verdade por meios pedagógicos, filosóficos e artísticos aos estudantes nas salas de aula de nosso Brasil.

O papel do professor é essencial em tempos atuais nas instituições de ensino. Passou-se dos tempos sombrios de ser um instrumento das elites, ou aquele ser hierarquizador das salas de aula. O momento histórico carece de professores que produzam conhecimento. Não se pode cometer mais o domínio do conhecimento apenas à classe hegemônica, a burguesia. O papel da filosofia da práxis na educação é de fundir o professor ao cidadão e agir politicamente em todas as esferas nas escolas.

Os alunos e alunas das escolas estaduais carecem de professores que entendam suas realidades mais subalternas, miseráveis e por vezes

desumanizadoras. As mudanças e transformações são processos políticos, e se estamos dissertando sobre processos é correto requerer a luta social e luta de classes dos professores.

O sociólogo Florestan Fernandes em suas reflexões sobre o trabalho docente, buscava o elemento primordial nas ações de um professor. Nota-se que a contribuição é a busca da identidade do professor. Na presente pesquisa, as ações de subversão do educador popular se concretizam se partimos da ideia de que todo ser educador é um cidadão que reivindica seus direitos sociais e civis, é capaz pensar política e ser ético com condutas revolucionárias de pensar e querer os processos de transformação social, via luta de classes.

O professor das escolas públicas é aquele ser social que convive diariamente com os principais problemas e desigualdades sociais no nível político. O educador popular que traçamos é o ser humanizador que se prontifica didaticamente via aulas de arte e aulas de filosofia pelas condições mínimas para as crianças e adolescentes perpassarem pelos processos educativos mínimos, emancipadores nas suas possibilidades.

O coletivo é transformador no campo educacional, o docente da educação básica deve compreender a escola como comunidade e não apenas como uma Instituição burocrática empregatícia.

O educador popular é o cidadão com consciência política, com ações revolucionárias aguçadas de crítica da realidade e buscando sempre a conscientização em seus possíveis níveis. Apenas enunciou aqui uma experiência sobre qual me alongarei na próxima seção da dissertação: trabalho o combate às opressões sociais em sala de aula, ou seja, trabalhando temáticas e atividades criativas que promovam a diversidade de pensamento, trabalhos pedagógicos com propostas de eixos temáticos filosóficos, tais como liberdade, paz e guerra, machismo, racismo estrutural e transfobia no seu sentido de pesquisar movimentos sociais que lutam por direitos. Essas práticas educativas mostram-se proveitosas, pois entram na realidade dos estudantes. A consciência e crítica se estabelece nos processos de ensino e aprendizagem, chamando-as de ações pedagógicas, seja no campo filosófico ou artístico das aulas ministradas em espaços públicos escolares.

O sociólogo Florestan identifica a importância da formação interdisciplinar dos educadores, atrelando o papel do agir politicamente, no trecho:

“- Então, faz parte da situação de um país subdesenvolvido a existência de uma infinidade de situações nas quais o professor precisa estar “armado” de uma consciência política penetrante. Ele é uma pessoa que está em tensão política permanente com a realidade e só pode atuar sobre essa realidade se for capaz de perceber isso politicamente. Portanto, a disjunção da pedagogia ou da filosofia e das ciências ou da arte, com relação à política, seria um meio suicida de reagir. É algo inconcebível e retrógrado-” (FERNANDES, 2010. p.135).

Isso é central em nossa pesquisa, a formação do educador popular tem de ser interdisciplinar mesclando suas áreas de atuação, dos componentes curriculares da licenciatura, somados ao pensar e agir politicamente em sala de aula, reuniões coletivas com professores, gestão e coordenação, eventos culturais da escola, conselho escolar e demais espaços no espaço escolar.

O desenvolvimento na arte pedagógica política é atrelar cidadania, ação docente efetiva e tomando como horizonte as emancipações que a formação omnilateral é capaz de construir no cotidiano das escolas públicas no cenário do país.

Nos escritos de Karl Marx, temos a dimensão de reflexão filosófica “quem educa o educador?” Nos processos pedagógicos nas aulas de arte e aulas de filosofia é constante o educar se educando e se reeducando e na prática os estudantes nos ensinam, formando-se uma ação didática coletiva, sem hierarquia nas construções de atividades práticas, principalmente. Florestan nos chama atenção no sentido que o professor está se reeducando por sua ação militante, a consciência dele próprio se proletariza em suas ações em sala de aula.

Há que se criticar as contradições do sistema capitalista que trata a educação como mercadoria, que sustenta a ideologia da classe dominante pela sua burocracia de currículos, cada vez menos densos, menos aprofundados, menos críticos, recolocando o ensino remoto como alternativa “Inovadora” da educação, conforme a Secretária da Educação do Estado de São Paulo projeta suas mudanças via grandes corporações da educação.

Na dissertação em que traçamos o que é o educador popular, busco as contribuições de Florestan no sentido de que o professor deve, nas relações de escola e consigo próprio, definir sua humanidade em confronto com a tradição cultural e ser o humano contrário ao sistema de opressão perpetuado pelo racismo, nesses tempos de senhores de engenho, que seguem no enredo do nosso país.

As práticas pedagógicas em sala de aula devem sempre potencializar as transformações possíveis. Para o sociólogo, os docentes devem se apegar ao

inconformismo e rebeldia no trabalho escolar, visto que temos uma liberdade de cátedra e as palavras do mestre preservam nossa esperança na educação.

O educador popular deve trabalhar no campo das realidades concretas, concentrando-se na ação de consciência pedagógica, de classe social e de ações práticas que subvertam o panorama educacional. No plano filosófico da prática do educador popular deve-se encadear a ação prática transformadora a uma consciência teórica e prática, contra a ordem estabelecida pelos governos federais e estaduais que com reformas e modificações, buscam controlar o campo educacional com o empreendedorismo, as moralidades fascistas e ódio à diversidade. Faço coro com Florestan, quando o pensador nos alertava sobre a realidade de que as transformações são conquistadas a duras penas, assim como proletários, os professores proletarizados são consumidos pelas derrotas no campo político, basta vermos o avanço da BNCC e de suas propostas que aos poucos ganham terreno na educação em nível estadual no Estado de São Paulo.

Posto que como pesquisador, professor e militante pela educação gratuita e de qualidade, devemos encarar as disputas políticas nos espaços escolares, levando a problemática educacional como um sintoma de problema social dos mais graves e que acentua as desigualdades sociais latentes no Brasil. A existência humana tem de ser colocada como central. O papel do educador popular é na política, nos processos históricos de nosso país. A luta se faz necessária e urgente no campo dos docentes que vislumbram a revolução da educação.

O que é o professor militante? O conceito de professor bem escrito nesse processo dissertativo, se mostra um problema filosófico, logo, um sistema de pensamento sobre os fundamentos e causas dessa problemática, de tema educador popular.

A meditação no plano filosófico é de conceituar algumas preocupações centrais no cotidiano do educador popular, a falta de uma disciplina de formação de discentes sobre política, o receio de educadores agirem e ensinarem o papel transformador de uma consciência cidadã crítica, sobretudo de ensinar política e o que é política na óptica de um professor militante no século XXI.

O primeiro tópico que irei dissertar das meditações filosóficas, se centraliza na questão da formação dos educadores da rede pública do Estado de São Paulo. A licenciatura plena é a formação desejada e de dever para um educador popular que queira trabalhar aos moldes da transformação social e emancipação política das

comunidades de estudantes, porém, o que temos na atual conjuntura em que escrevo, é de uma má formação de docentes, ou seja, via ensino remoto (cursos curtos à distância), ou formação em Instituições privadas de gestões de empresários da educação. Essas formações desumanizadoras, sem formação cultural, formação criativa, que compreende a licenciatura como mero curso empregatício faz um problema grave se instaurar na rede estadual de educação, a formação de péssima qualidade dos profissionais da educação, professores que petrificam suas atitudes nas legislações do Estado, que seguem à risca regras do jogo político pedagógico ou da ideologia de vigiar e punir alunos e alunas ou até companheiros de trabalho docente.

Essa problemática da má formação se consolida nas ações didáticas de baixa adesão por parte dos estudantes, desemboca em professores sem didática alguma, professores que intensificam seu agir no medo e regras levadas à risca em sala de aula. Nos processos de ensino e aprendizagem tentam impor um rigor exato de punir o estudante que não segue padrões de métodos de avaliação encrostados nas décadas passadas e geralmente são professores com problemas de relacionamento com os/as educandos, prejudicando o andamento das aprendizagens da Escola e do aprofundamento na formação básica das crianças e estudantes. Os reflexos estão evidenciados em provas de estatísticas do Estado e em como as crianças e adolescentes estão com baixo desempenho em matemática, língua portuguesa e na leitura, escrita e interpretação de textos que abrange as disciplinas de arte e filosofia, no qual trabalho há anos.

Nesse sentido, há também as mudanças das gerações de professores e das gerações de educandos. Hoje a aluna e aluno não são aqueles que adoram regras, mapeamentos, fileiras, ficar horas estáticos em suas carteiras. Um problema crônico na rede estadual é com relação as mudanças de comportamento das gerações nascidas nesse século XXI, são crianças que preferem metodologias ativas, atividade fora de sala de aula, disciplinas diferenciadas que permitam a reflexão criativa. A classe estudantil é universal e plural, com grandes massas de estudantes diagnosticados com depressão, ansiedade, síndrome do pânico, entre outras patologias, que refletem nas suas condutas e comportamentos em sala de aula, que geram conflitos e consequências nas aprendizagens e nas relações sociais entre educadores do sistema e educandos obsequiados pelo diferente professor ou aquele professor militante que trabalhe em suas habilidades, conteúdos e temas o ser diferente, o ser negro, o ser mulher, o ser transexual, o ser indígena, as maiorias

sociais que injustamente se tornam minorias sociais no âmbito da macro política nacional.

Como todo problema filosófico, as causas se intensificam com professores que não compreendem a prática do professor como animal político, como ser social, como traficante de informação e que difunde cultura, arte e política na arte do viver em sociedade. A sociedade conservadora ataca o professor com posicionamento político, os militantes professores são alvos de calúnias, injúrias e perseguições por parte de gestões e professores. Há um pensamento conservador, covardemente abastecido por influencers, meios de comunicação, líderes religiosos, líderes políticos da direita e extrema direita que conduzem famílias e a classe subalterna a um pensamento limitado e unilateral, o pensamento do senhor de escravos, do colonizador, do patrão, da hierarquia social, pensamentos contrários ao da consciência e ação dos professores militantes que defendemos e conceituamos ao longo da dissertação.

A segunda meditação com a problemática do educador militante é o receio de muitos profissionais da educação não terem formação e teórico carregado de estudo para lidar com assuntos, aulas, temas, desenvolvimento de projetos pedagógicos que têm o lado político como base da aprendizagem. Essa causa enraizada na Escola fortifica nosso modo de ação docente que trazem em nossas abordagens teóricas, temas e habilidades de aulas de filosofia e arte, a dimensão e importância da política na conjuntura atual de nosso país.

O posicionamento político se torna algo “proibido” por muitos gestores de escola e por professores da rede pública. O relativismo político de tudo se tornar ideológico ou argumentos fracos que crescem desde o programa Escola sem partido, agenda na educação da direita conservadora que trata assuntos políticos com partidarismo e absorve dinheiro público nas pastas do Ministério da Educação com pastores e clérigos na política. No sentido político, a mercantilização da educação está afastando o sentido cidadão na educação básica.

Trabalhar a política em sala de aula, para o educador popular é humanizar os educandos, desbrutalizar a classe proletária de professores e buscar concepções de lecionar que trabalhe direitos humanos, direitos sociais e acesso à cultura pelas maiorias sociais matriculadas nas escolas públicas de nosso país. A consciência política está nos processos de planejar aulas de filosofia e arte em que o professor desenvolva a potência crítica e de resolução de problemas na sociedade, introjetar a ideia cidadã com criticidade, dinâmicas pedagógicas que a aluna e aluno reflitam de

modo livre sobre sua cidade, vila, favela, bairro, estado, país e as conjunturas que estamos atrelados, desenvolver a autonomia de pensamento juvenil.

O que é a política? Na atmosfera de nossa democracia em constante vertigem de golpes políticos na tripartição de poderes burgueses no país, a política pública é o que pode ser trabalhado nos planos de aula com a juventude. A política é a arte de governar, executar melhorias sociais, é como nos alimentamos, como convivemos uns com os outros, no sentido “*ethos*”, morada ou lugar que habitamos, os educadores populares. O grêmio estudantil, movimento político vivo dentro da escola é uma experiência pedagógica de intervenção política democrática e que dá a voz e autonomia aos estudantes no nível básico na educação.

O sociólogo Florestan em seu texto traz à tona o seu contexto histórico do empobrecimento cultural da juventude na Escola de origem subalterna. Nos tempos atuais, podemos compreender o empobrecimento político da juventude que sem um educador popular tem dificuldades em compreender os nuances da política em seu macro poder e micropoderes no cotidiano nesse sistema de poder e domínio social.

O que é ação política? Na meditação em que me coloco é a ação do educador popular que produz atividades diferenciadas, que trazem o conceito de política como forma de reivindicar direitos mínimos, formas de governar, trabalhar os contextos históricos com abordagens filosóficas, construir o caminho da aprendizagem com ética e política como elementos fundamentais nas ações pedagógicas. Nos trabalhos de ensino busca-se problematizar a sociedade, o que é a política e como ela determina quem possui riqueza e miséria, quem está em paz e guerra e quem possui direito de viver e como o genocídio acontece com populações pobres de nosso país, bairro, cidade e estado. O objetivo é a construção de uma consciência cidadã ativa e crítica nas turmas em que se trabalha política com filosofia, literatura com política e arte com política.

Analisando o sentido e a importância do agir do professor militante, temos a convicção que as mudanças e transformações devam acontecer dentro e fora da Unidade Escolar. A comunidade em cidades pequenas com escolas únicas na cidade possuem uma relação por vezes de distanciamento com a Escola, professores, gestão escolar e do sentido político e pedagógico da Escola, enquanto Instituição epistemológica e de acesso ao ensino superior, acesso à cultura, acesso à proteção física e psicológica, apesar dos problemas graves, como por exemplo, a falta de atendimento psicológico presencial aos educandos e equipe do quadro escolar.

Florestan Fernandes nos motiva em refletir esse fora da escola, esse ser professor militante dentro da Escola e seu agir atravessar as paredes, grades e muros da Escola Pública.

O sociólogo dialoga profundamente nessa perspectiva crucial para compreendermos bem a política e o professor militante, na seguinte passagem:

[...] Os que têm experiência com a formação política e o trabalho do professor no pensamento de Paulo Freire já sabem qual é essa pedagogia dos humilhados e ofendidos, dos oprimidos, e qual é o mínimo que diz respeito à elaboração de uma pedagogia dos oprimidos e que, dialeticamente, só pode ser uma pedagogia da desopressão. Não existe uma pedagogia dos oprimidos, existe uma pedagogia da desopressão, da liberação dos oprimidos [...] (FERNANDES, 2010. p. 98-99.)

Fundamentalmente, o educador que milita pela transformação de seus educandos e familiares busca desenvolver o ímpeto de sujeitos inconformados. Sempre reluto em sala de aula para que os estudantes problematizem, questionem, reflitam e cobrem tudo aquilo que os incomoda no âmbito da realidade dentro e fora da escola. Almejamos um educador que consciente de uma sociedade de classes sociais, trabalhe não somente o ensino de uma interpretação de texto, leitura e escrita, mas também a criticidade no olhar social, de indagar tudo que se mostra verdadeiro e certo, de cobrar mudanças em seus estados das coisas reais e políticas. Ser militante é ser um fogo em rebeldia, levar leituras, ensino, aprendizagem, experiências que enriqueçam os alunos e alunas no pensar livre e político, de compreender a diversidade de ideias e que a democracia é o modo de governo que traz a liberdade de expressão de ser oposição política e de que as melhorias socioemocionais acontecem a nível de mobilização de movimentos sociais.

O agir politicamente, conceito do nosso pensador social brasileiro é fundamental no planejamento didático do docente popular que vise transformações e alegrias na vida de educador. A mudança e o movimento são políticos, nosso lecionar em escola pública com todas as suas problemáticas e contradições é político. Assim, cumpre explorar os elementos de mudança na caminhada da vida de nossa juventude carente de direitos, cultura, acessos e oportunidades. Isso vêm no âmbito da informação e, desinformados são controlados por todo esse sistema político fascista que encontramos nas representatividades políticas.

O engajamento político é substância que arde: joguemos combustível crítico e criativo nas nossas ações em Escolas. A mudança requer pensamentos afirmativos e

de posicionamentos políticos, o educador tem que lecionar em termos e conceitos de luta de classes. A política do Educador Popular prevalecerá em seu organismo de luta e a luta se faz para mudanças no devir do militante que milita e age conforme suas pautas políticas de luta, ou seja, a luta pela educação de qualidade, uma educação que ensine o educando a pensar e não somente a obedecer, cumprir e ser penalizado. O educador popular é aquele professor que ousa ser rebelde: que crie e organize sarau de cultura, que ensine teatro, que potencialize a arte nos educandos, que ensine o livre pensamento e a importância da política

3. O ENSINO DE FILOSOFIA E AS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID NA FORMAÇÃO DOCENTE

A dissertação é um grito de urgência para construir e desconstruir a realidade da sala de aula, da Escola Pública, do educador popular e sobretudo como recriar, criar, pulsar, criticar, caminhar, esperar o ensino de filosofia, confeccionar experiências práticas, refletir os elementos vivos da sala de aula e tornar o aspecto experiencial vivo sanguíneo de nossos educandos da classe trabalhadora que produzem política, cultura, arte, conhecimento, ensino, aprendizagem e se emancipam em aulas de arte e filosofia, esses elementos são concretos e problematizaram filosoficamente a seção.

Na presente seção o trabalho de dissertação concentrou-se nas contribuições do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e nas referências do pensar a ação docente sob a óptica do filósofo Walter Omar Kohan, precisamente na obra *“O mestre Inventor - Relatos de um viajante educador”*, onde busco concepções de ensino de filosofia que influenciaram a formação do conceito e construção do objeto de estudo, educador popular e suas experiências em sala de aula no ensino público estadual nos componentes curriculares de filosofia e arte.

A pesquisa que se projetou em meados do ano de 2017, sob influência direta de meu trabalho de estagiário do PIBID/Filosofia subgrupo/Marília, com orientações de aprendizado nos grupos de pesquisas referentes ao PIBID, em encontros acadêmicos da educação e principalmente na minha formação docente no Programa no árduo trabalho de 4 anos, em duas Escolas Estaduais (E.E. Monsenhor Bicudo e E.E. Antonio de Baptista), localizadas no município de Marília-SP, trocando experiência com professores e coordenadores da Rede Estadual, no qual percorri meu trajeto de educador popular.

O lugar do PIBID e o lugar do ensino de filosofia possuem caminhos e motivações diferentes na minha concepção de educador e no decorrer da pesquisa que corroborou na dissertação.

Programa Federal foi o motivador em tempos de estagiário e graduando em filosofia durante quatro anos, onde a experiência de lecionar e manter vínculos vivos nas atividades pedagógicas fez comprometer-me com o futuro de minhas ideias, escritos e trabalho docente. Esse movimento de iniciação à docência semeou o ideal

revolucionário de trabalhar com crianças com problemas de interpretação na leitura, crianças com carência social e adolescentes com patologias. Isso me inseriu na realidade concreta da educação pública e os esforços e motivações de professores e companheiros de estágio me auxiliaram e ensinaram na aguerrida vida de futuro professor.

O Programa Federal que desenvolve a formação de iniciação à docência dos estudantes da licenciatura nas Universidades, é um projeto de aperfeiçoamento e de extrema eficiência para a pesquisa, extensão e ensino do educando graduando, que valoriza a formação docente e o trabalho educacional, fortalece a ação do filosofar em sala de aula, as experiências pedagógicas dos educadores e estagiários para com a Escola, sendo a conexão da Academia com as classes trabalhadoras tanto do ensino básico, quanto do ensino superior.

O tecelão necessita da arte inicial de conhecer a metodologia para tecelar da melhor maneira, esforço e dedicação para o trabalho árduo e criativo. O educador popular em essência, está no estagiário do PIBID que se inicia na pesquisa e ação na educação e no ensino da filosofia, aprendendo a tecelar junto ao estudante da classe trabalhadora no horizonte do ensino e aprendizagem e política no ato relacional entre professor e educando.

O artigo *“PIBID Filosofia: Possibilidades do Filosofar no Contexto do Ensino de Filosofia”* presente no livro *“PIBID/UNESP Forma(a)ção de Professores: Percursos e Práticas Pedagógicas em Ciências Humanas”*, traz as contribuições da metodologia de trabalho do Programa de Iniciação à Docência:

A metodologia de trabalho está referenciada na pesquisa-ação. Na Universidade são realizadas reuniões para a discussão de textos referentes ao ensino de Filosofia e reuniões semanais para elaboração das aulas, definição das temáticas e das estratégias de intervenção. Nas escolas parceiras se dá o conhecimento da realidade escolar, criação e implementação de atividades filosóficas vinculadas aos temas a serem tratados nas aulas. (SILVA, GELAMO, GARCIA, LIMA, 2018. p. 129).

O método de trabalho e ação do PIBID fortalecem a formação teórica e da práxis do estagiário/graduando/bolsista no sentido omnilateral, potencializando o trajeto formativo do educando do ensino superior da licenciatura. A metodologia se desenvolve nos seguintes aspectos formativos: pesquisa de um objeto do conhecimento no campo de estudos na educação e ensino, possibilitando o atuar na produção da pesquisa e de um produto motivador das experiências em sala de aula,

como projetos de iniciação científica e; o aprimoramento da confecção de atividades filosóficas junto aos professores coordenadores e professores da Rede Estadual que expressem temas da filosofia em sala a serem abordados nas intervenções pedagógicas e trabalho talentoso e freiriano de contextualizar os conteúdos pedagógicos filosóficos com a realidade concreta e social dos educandos.

Os anos de experiência da práxis de um educador e o coletivo de docentes nas ações de intervir na realidade de Escolas com problemáticas de evasão escolar, defasagens de aprendizagem e violência, possibilitaram a criação de atividades filosóficas bem estruturadas e planejadas para a reflexão filosófica, construção de leituras e análises de textos da tradição filosófica de modo coletivizado, esmiuçando temas da filosofia com o contexto social da comunidade escolar, trabalhando de modo igualitário o convívio e relação educador/aluno e aluna.

O projeto que valoriza o licenciado e a preparação de um professor/educador que seja um praticante do ensino de filosofia e um aprendiz de seus alunos/as, versa sobre as experiências orientadas para o despertar, entendimento crítico e a problematização/questionamento de problemas filosóficos reais da realidade das crianças e adolescentes da classe subalterna brasileira.

Essa construção pedagógica e de modo de ser professor dinamiza o importante e necessário programa Institucional para potencializar e difundir o professor de Filosofia e as características formativas das aulas de Filosofia com suas demandas pedagógicas e intervenções para com a realidade social da Escola, um ambiente de ensino, aprendizagem, criticidade e formação de sujeitos históricos que vejam e reflitam o sentido da sala de aula para si, compreendendo a dimensão da emancipação do educando da Escola pública.

Outras contribuições nas questões pedagógicas que são fortificantes no PIBID/Filosofia, no sentido de propor a formação intelectual e prático do bolsista do projeto, se encontra nas considerações finais do artigo SILVA, GELAMO, GARCIA, LIMA (2018):

As estratégias de intervenção buscaram propiciar o diálogo entre os estudantes do ensino médio, bolsistas e professor supervisor e o diálogo destes com a Filosofia. As estratégias incluem a busca de situações que ensejam a experiência do filosofar acerca dos temas programados: discussão de textos filosóficos e de outros gêneros; aulas expositivas e dialogadas incluindo participação dos bolsistas; estudos individuais e em grupo com orientação dos bolsistas e do supervisor; debates em pequenos grupos com intervenção dos bolsistas; preparação e exposição de ideias dos grupos em plenárias;

dissertações, discussões e defesas de posições; análises de filmes, documentários, fotografias e obras de arte; elaboração pesquisas e de vídeos pelos estudantes do ensino médio; discussões de temas considerados importantes pelos estudantes do ensino médio tais como, trabalho, continuidade dos estudos, violência, drogas, sexualidade, universidade. (SILVA, GELAMO, GARCIA, LIMA, 2018. p. 138-139)

A citação é pontual nas dimensões estratégicas nas concepções e práticas docentes abordadas e trabalhadas ao longo do projeto, vistas ao fortalecimento das aulas expositivas, aulas dialogadas e produtivas, aulas com utilização de audiovisual, na construção de textos filosóficos adaptados, a prática da produção de planos de aula para agir nas Escolas, planejamento de estudos por parte dos bolsistas, inserção dos estagiários à bibliografia na área da filosofia da educação e ensino de filosofia, viagens para apresentação em Seminários de Pesquisa ou Encontro de estudantes de iniciação à docência e aquilo filosófico que brotou algumas sementes na presente dissertação, a discussão e debate de temas ligados cronicamente às vidas emocionais, sociais e culturais de nossos educandos, aprofundando os carismas, vivências e relações de emancipação para com os educandos da classes desfavorecida.

Diante os caminhos e desvios na trajetória da vida de educador, o ensino de filosofia foi a área de pesquisa lá no início da caminhada de estudos da Escola, relações de estudante e professor se encadeando na política, enquanto a arte de fundamentar as práticas docentes de subversão.

Nessa empreitada acadêmica, o texto filosófico que motivou minhas práticas docentes foi *“O mestre inventor - Relatos de um viajante educador”*- de Kohan (2013). Essa aventura de Simón Rodríguez narrada e utilizada pedagogicamente pelo filósofo, professor titular da Universidade do Rio de Janeiro (UERJ), traz protagonismos e histórias da América Latina que permitem aos educadores de nosso século XXI, pensar e criar Escolas em tempos difíceis, se aventurar e buscar a coragem da profissão e militância do educador do povo.

O que é o ensino de filosofia na contemporaneidade? Pensando de modo conceitual, os professores e professoras dessa década, potencializem-se na busca de informação e coragem nas suas práticas e ações na Escola pública, saibam “Ajudar a estudar”, “Ensinar a apreender” e “incitar” e “excitar” como trabalha o pensamento de Walter Kohan. Tomemos o contexto de cada comunidade (cidade, bairro, vila, favela) para com a Escola, vamos ensinar a interpretar textos de variados gêneros

textuais nas aulas de filosofia, permitir a interdisciplinaridade com aulas de filosofia e literatura, trabalhando a criação poética, a leitura filosófica, ensinar a ler um texto, ensinar a interpretar narrativas, textos de variados gêneros e principalmente a criar e construir textos sejam filosóficos, literários ou de ficção. O ensino de filosofia é incitar a utilização de atividades de filosofia na biblioteca da Unidade Escolar, organizar disciplinas de arte com aulas teóricas e práticas no teatro popular, na música, nas artes visuais, na poesia e literatura, ajudar o estudante carente, que necessita da informação para se inscrever na isenção de vestibular para cursar Universidades Públicas no ensino superior, são essas atitudes filosóficas que tornam um educador filósofo e a práxis que revolucione os cotidianos em que estamos vivendo experiências educativas.

O ensinar, o aprender, o auxiliar a apreender, o ensino a interpretar, o excitar as potências de cada aluno e aluna se torna uma grande aprendizagem ao educador. Desenvolver aulas e disciplinas com finalidade de especificidade no desejo e sonho do saber de cada criança e adolescente é o caminho das transformações em processo educacional. O ensino comprometido com o aprendizado do educando é um florescimento em processos, projetos políticos pedagógicos que se façam caminhos de trilhar o avanço acadêmico na Escola em sentidos amplos, como ler, escrever e interpretar da melhor maneira, trabalhar com projetos culturais que fomentem o vínculo social e afetivo das famílias com a Escola, aprimorar o protagonismo e autonomia da juventude. Esse trabalho docente é necessário no enfrentamento das lacunas de aprendizagem que o sistema neoliberal de progressão continuada dissemina na rede estadual de ensino.

Na obra de Walter Kohan (2013), as ações e maneiras de Símon Rodríguez desenvolver e fundar escolas nas suas andanças pela América Latina, são de proporcionar ambientes de ensino e aprendizagem que possibilitem a restituição de tudo que é próprio do povo, ou seja, a terra, a cultura e a linguagem, tomando as proporções da realidade brasileira, que muito fora usurpado pelas classes ricas ao longo dos processos históricos. O professor de filosofia em seus modos de ser e ensinar objetiva o que quer estudar e na produção de conhecimento junto ao aluno e aluna de escola pública confecciona retomadas de direitos em aulas temáticas como, democracia, justiça social, moradia popular, público e privado, paz e guerra, e demais temas da filosofia política, que permite às turmas refletirem a vida social com

as aulas e partindo de atividades de escrita filosófica, isso transforma aulas em ambientes de aprender a apreender, de ensinar a interpretar, de estimular a leitura

O ensinar filosofia, o ensinar arte e o ensinar a interpretar são trabalhos de dedicação que o docente visa num grito de resistência frente à urgência do mundo contemporâneo, constrói em seus planos de aula, em suas organizações didáticas para desenvolvimento de ações pedagógicas a longo prazo. O que faz a escola? O que faz o ensino de filosofia? E o que faz aulas que permitem o ato de criar, o ato de inventar, o ato de descobrir, o ato de incentivar, alunos e alunas?

Os/as estudantes têm motivações com liberdade, com pensamento, com cultura e identidade cultural e a iniciativa é a inserção de aulas dialogadas com repertório rico e motivador, seja com política e arte, filosofia e direito ou em aulas de bioética com questões sobre aborto, suicídio, encarceramento em massa, transgênicos, alimentos com veneno, agroecologia. São temas filosóficos que atingem profundamente a rotina das comunidades escolares. Entendemos o ensino de filosofia como a arte do educador popular transformar pequenos cotidianos.

A liberdade e autonomia juvenil, o ato de criar atividades diferenciadas com metodologias ativas, nesse ato de enfrentamento contra a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo com seus materiais “didáticos” falhos, formadores de mão de obra barata, de cidadania vazia e acrítica, esse sistema sustentado pelo neoliberalismo educacional por de trás, só consegue originar escolas e estudantes reprodutores de teorias, reprodutores de técnicas, produtores de simples opiniões, servos e futuros profissionais da servidão voluntária, enfim, uma escola que o Estado reforma com más intenções comerciais e empresariais, no plano de fundo dos governos estaduais e federais no que atinge a educação pública no ensino básico.

Esse macroproblema filosófico deve ser diluído com o propósito da luta de classes. O educador em seu espaço de fala, de ensinar, de discursar, lecionar e incentivar as pequenas revoluções internas na Escola, rompe com a estrutura de servidão enquanto funcionário público, veste o fardamento do time dos educadores populares, descarta o que arruína a aprendizagem e práticas humanizadoras de cada aluno e aluna e prioriza o que melhor irá formar seus educandos no processo educativo. O ensino de filosofia começa no rompimento com o conservador, o romper com o pensamento retrógrado na visão política educacional, esse desafiar, esse incomodar-se filosófico, que prontifica o educador popular ao próspero modo de intervir em sala de aula.

Assim, *O mestre inventor* (2013) é um livro que nos traz grandiosas reflexões acerca da admiração e importância do pensamento inventivo na trajetória educacional, sobretudo no desenvolvimento com as crianças. Como devemos trabalhar o pensamento inventivo com adolescentes em aulas de filosofia?

Os métodos de criar trabalhos e atividades no componente curricular de filosofia e arte, traz um trabalho intelectual e criativo por parte dos educadores, com as propostas de avaliação, pesquisa ou de interpretação de textos filosóficos e de narrativas na música ou literatura, criando condições do trabalho pedagógico dar bons frutos epistemológicos, constante invenção e criação no movimento de preparo das atividades pelo mestre educador e de desenvolver a potência de pensamento dos educandos, interdisciplinaridade e contexto social encaixados nas práticas em sala de aula, um constante inventar o nosso agir de professor.

O filósofo educador é o agente problematizador e esse movimento de reflexão crítica e engajamento político nas suas atividades e ações de formação em sala de aula difunde a estratégia da invenção como primordial nas estruturas de aulas, planos de aulas e ações práticas na filosofia e seu ensino na educação básica. O imitar, o reproduzir, o recriar com morbidade não são ações que o filósofo educador quer como finalidade de suas aulas e projetos em disciplinas diferenciadas. O aprendizado ligado intimamente ao inventar, criar, ser poeta no processo de resolver, dialogar, debater, escrever e difundir suas ideias e interpretações da realidade, esse é o aprendizado que o educando da Escola Pública necessita, um ambiente de aprendizagem de liberdade de pensamento e autonomia da resolução de problemas e atividades em sala de aula.

Como o filósofo educador deve examinar uma atividade ou trabalho de educandos na disciplina de filosofia e arte? Com admiração ao que for produzido na perspectiva de criatividade e criticidade. Esses dois modos de produzir aprendizagem no âmbito escolar, consiste no avanço intelectual dos adolescentes, um exemplo da realidade nos móveis de ensino público contemporâneo. O estudante cria um texto dissertativo filosófico na temática da liberdade e justiça, o fundamento da ação do educador é sustentar as bases teóricas. O que é a liberdade para o aluno e aluna? O que faz termos liberdade? O que é o contrário de liberdade? Podemos trabalhar a ausência de liberdade, o aprisionamento e encarceramento em massa, criando junto à turma o senso crítico e trazendo contextos históricos nas aulas, o fomento da criação e invenção de um texto por parte dos educandos é notório.

A prática do professor popular, que KOHAN (2013) traz nas constatações das ideias de Escola de Símon Rodríguez são modos de pensar o professor e suas atribuições para desprender do habitual ideário de professor catedrático ou aqueles professores fingidores de profissão, que apenas transmitem um saber específico sem cativar o que importa no processo de ensino e aprendizagem.

O ensino de filosofia em suas premissas fortalece a questão do professor filósofo e suas demandas concretas em sala de aula permite uma autorreflexão. Qual a missão do educador ou concepções de intervenção no ensino de filosofia? Compactuo com sentido trazido por KOHAN (2013) na óptica de Simón Rodríguez:

Os professores de suas escolas não são formadores de opinião ou consciência. Para Rodríguez, o conteúdo da educação está em sua forma. Distingue uma série de papéis ou funções pedagógicas. Há uma grande diferença entre instruir e educar, ou entre ensinar e educar. As palavras importam, mas o mais importante é esclarecer os conceitos e seus significados. No primeiro caso da alternativa, o saber é transmitido; no segundo caso, se ensina a viver. (KOHAN, 2013. p.86).

A intervenção em sala de aula, seja aula de arte ou de filosofia tem de ser com intuito de caminhar coletivamente em busca dos temas e debates filosóficos e artísticos construindo os conceitos, significados e demais signos teóricos com a turma em trabalho docente, a filosofia permite ensinar as vivências de um mundo contemporâneo tão em movimento, ardiloso e repleto de descaminhos ofertados para nossa juventude castigada pela miséria social dos últimos anos.

No livro algumas compreensões se mostram evidências na experiência em sala nas aulas de filosofia e arte, tais como, em atividades filosóficas o sentido do ensino de filosofia é de trabalhar o significado de conceitos, a etimologia dos termos e conceitos filosóficos, aulas dialogadas que há a apresentação da tradição e história do pensamento filosófico, as aulas nas questões de discussão e debate por parte dos educandos, permite a troca de sabedorias de vida, o saber vital de um tema filosófico confeccionado em aula, com relação a vida, cidadania e senso crítico diante a realidade.

Nessas atividades em sala de aula, trabalhando a arte e a filosofia é possível o educando estimular seu senso criativo, senso crítico e senso de política, aspectos que o ensino de filosofia é capaz de difundir lado a lado com o educador popular. As práticas docentes que visem à transformação do educando se enraízam nas ações que ajudem a estudar, ensinar o trajeto da prática leitora, difundir o desejo do saber,

o gosto pela literatura, o gosto pela cultura, o gosto do livro e biblioteca e apresentações em eventos culturais na Unidade Escolar possibilitam essas mudanças na comunidade.

Inventar novas ações pedagógicas é de certa maneira, reinventar a educação popular e incentivar que nossas aulas, projetos culturais, disciplinas diferenciadas forme os educandos na plenitude dos conhecimentos de filosofia, arte e cultura na concepção da educação popular.

O educador popular da Escola Pública possui na sua essência e prática o papel social e político de que os educandos tenham um aprendizado de vida com a escola e que o espaço escolar possibilite a formação na criticidade, que o povo integre o mundo do conhecimento, que tenham a informação de seus direitos sociais primordiais para o acesso à educação superior, que tenham acesso ao mundo do saber, ao mundo do pensamento, ao mundo da criação artística e que isso aprofunde os vínculos de Escola e comunidade, professores com as famílias dentro das possibilidades de interação social. Cabe aí o educador protagonista que revoluciona o ambiente de ensino e aprendizagem.

Dentro do âmbito das problemáticas das Escolas Públicas estão as relações de convivência e interação comunitária dos educadores para com as crianças e adolescentes. O páthos que a filosofia trabalha no ensino, é no sentido da busca pela simpatia entre iguais, ou seja, enquanto classe subalterna a aprendizagem, a cidadania crítica, a criatividade e invenção só podem acontecer se há uma proximidade e afeto entre estudantes e educadores de forma a possibilitar a melhor convivência.

O mundo das sensibilidades intelectuais é o mundo da educação popular que confecciona a arte de ensinar no sentido de chamar a atenção ao conceito e conteúdo trabalhado na aula de filosofia, a arte de contextualizar problemas filosóficos da tradição filosófica com a realidade dos jovens da comunidade.

O que pode a emancipação? Emancipar é subverter a ordem existente de uma educação neoliberal subsidiada pela Secretária da Educação do Estado de São Paulo. Primeiro ato revolucionário é do inconformismo com o pensamento neoliberal e conservador do Governo de Estado, é ser aquele professor e professora que age com experiência inventiva e criadora nas margens da Escola Pública.

No livro de Kohan (2013) temos a dimensão da experiência do revolucionário Símon Rodríguez com a criança de nome Thomas, um sujeito social que está fora da

Escola e na experiência filosófico-pedagógica vital para o desbravador latino-americano da educação popular, foi o ápice e movimento de espanto inventivo que possibilitou o modo de pensar e fazer Escola de Simón Rodríguez pela América Latina.

No contexto histórico contemporâneo as experiências escolares de emancipação são múltiplas e enriquecedoras no aspecto pedagógico, filosófico e de vida. A luta de um educador de filosofia e arte é uma insurreição pela importância do ensino e da educação que possibilite as transformações na sociedade brasileira. A vida social no Brasil neste ano de 2022 é de exclusão, miséria, fome, opressão e de injustiça, isso nos atravessa no cenário escolar pós pandemia e desgoverno federal ausente nas políticas públicas.

A conjuntura política permite o ato de subverter a ordem ou desordem, construir para destruir, destruir para construir na experiência do professor de filosofia é essa a sina de luta e ação direta em sala de aula, desenvolver sua conduta educadora e formadora na aposta de uma educação de sujeitos reflexivos, com criticidade e de pensamento libertador, desse modo há uma recriação do pensamento de vida, do pensamento social e do seu lugar de fala no tocante a gênero, classe e etnia.

O termo e conceito iconoclastia vem forte no agir pedagógico do professor educador e militante pelas causas da educação pública, em tempos de ascensão do neoliberalismo educacional é necessário inverter os valores sociais e que a voz e direito dos oprimidos, nossos educandos, seja a luta do educador popular.

O compromisso com as classes populares é uma dimensão importante para a busca do ensino de filosofia na sua plenitude, desenvolvendo os temas de aula, habilidades e conteúdos filosóficos na perspectiva de incitar, ensinar, demarcar, orientar e inventar aulas dialogadas, aulas com metodologias ativas, aulas com o protagonismo do jovem, isso é fundamental no ensino de filosofia.

Kohan (2013) no decorrer de seu capítulo 4, *“A escola da antiescola: iconoclastia e irreverência”*, nos traz o pensar/agir de Simón Rodríguez como um homem incomodado em seu tempo histórico, buscando essa transposição crítica de ser o contrário da ordem Colonial, contextualizando para nossos tempos contemporâneos, vivos e pulsantes de ensino de filosofia e arte:

Simón Rodríguez é um irreverente, iconoclasta. Não pensa no que se deve pensar, não vive como se deve viver, não atua como se deve atuar. Pelo contrário, centra precisamente a sua missão educativa em inverter boa parte dos valores que sustentam a sociedade colonial,

para que ela se torne uma verdadeira República. Ele faz isso de várias maneiras, incansável, obstinado, teimoso. (KOHAN,2013. p. 99)

Nesse trecho da obra, é a postura política, de modo de vida e de esperança que um filósofo professor deve propagar em suas ações docentes, ser um mestre político de possibilitar ambientes de discussão, difusão e reflexão profunda acerca de temas filosóficos que denunciem os valores reacionários e conservadores da nossa realidade de uma República dirigida e governada por negacionistas, milicianos, neoliberais e fascistas nos tentáculos da administração pública e desrepresentatividade na tripartição dos poderes. Os valores da ética, da democracia, da importância dos direitos e seus fundamentos de luta de movimentos sociais e correntes filosóficas, o poder do povo na construção de propostas para o futuro do país, sob o espectro de ser um professor postulado na luta de classes a favor da educação como primordial e central nas revoluções na sociedade no tocante às desigualdades, miséria e fome de conhecimento.

O iconoclasta no ensino de filosofia deve ser o estudante desobediente, sujeito crítico e convidado a refletir sobre temas filosóficos abertos à diversidade de pensamento. A política está na capacidade de um educador popular caminhar junto com o educando no processo de compreender a importância de ser um sujeito político e um sujeito que indague o sistema de opressões que atinja aos seus direitos fundamentais e de todo o espaço social que ele habita.

Esse educador que propaga cultura, essa turma que na aula de filosofia produz conceitos originários e filosóficos como autodefesa de seu povo, de sua etnia, de sua classe, de seu gênero é parte formadora do processo e importância da filosofia e seu ensino, no submundo da educação pública tão dialética e problematizadora dos cotidianos escolares.

Diante o compromisso militante do educador no ensino de filosofia e o incentivo pedagógico em trabalhar as concepções políticas em sala de aula, a experiência que detenho no atual ano letivo de 2022, na E.E. Vitu Giorgi, localizada na cidade de Oriente, interior de São Paulo é inspirador e de mudanças no cotidiano escolar. Nessa experiência filosófica-pedagógica sou o paraninfo do Grêmio Estudantil, o professor responsável em acompanhar e auxiliar o coletivo de estudantes na luta desse colegiado vivo e político dentro da comunidade escolar.

Esse compromisso do educador popular com a comunidade escolar possibilita aquela relação política e estudantes num ato pedagógico de trabalhar a filosofia política e a política nas relações sociais na Escola.

O que é a experiência? Quando o educador reflete sobre o âmbito da experiência filosófica com o complexo da comunidade que se encontra na Escola, de crianças e adolescentes oriundos das camadas populares, objetificamos o ensino de filosofia no sentido de aproximar os educandos da reflexão filosófica e da prática da postura filosófica, isso é de certa maneira, uma definição de experiência, porém, nas relações políticas e sociais na Escola é preciso pensar e refletir sobre a não experiência, como espaço vazio e conservador, que não produz nada além de reproduções das habilidades, currículos e limitações da formação de mão de obra barata, pós conclusão do educando na educação básica.

A experiência é a esperança do ensino de filosofia, é o modo de ação direta do professor com o aluno e aluna e na construção do agir político com alianças à liberdade, pensamento livre, democracia e cidadania crítica.

A relação de representante dos professores em minha Unidade Escolar de exercício de professor de Filosofia com o Grêmio Estudantil, possibilitou o sentido da experiência política e do protagonismo das ações juvenis na confecção de propostas políticas no enredo das eleições, a atividade de formular pautas essenciais e sociais na apresentação das chapas de Grêmio concorrentes nas eleições, a produção de cartazes políticos e por fim o início das ações da chapa do Grêmio vencedora das eleições no ano de 2022. O percurso foi de transformações no cotidiano escolar, estudantes reivindicando melhorias no plano da comunidade, organização de Sarau de Cultura para alinhar a melhoria das relações socioemocionais da classe estudantil, essa crescente da consciência política e a importância da diversidade das ideias democráticas construíram essa relação que busco na presente dissertação, política, estudante e ensino de filosofia.

Conceituar a política é recriar as noções filosóficas de sujeito em uma sociedade classista, opressora e que por meio de políticas institucionais propaga o ódio, o genocídio, violência e tudo aquilo que soterra o conceito concreto e filosófico da política. O ensino de filosofia combinado com recriar a escola, a vida social e aprofundar o conhecimento sobre teorias políticas da tradição filosófica da visão dos educandos é uma das vertentes de ensino propostas nas aulas de filosofia, porém, o aspecto do professor militante deve ser de trabalhar a produção de textos filosóficos

com proposta política, desenvolver o argumento dos posicionamentos da classe estudantil com seriedade, criticidade e ensinando a como construir um texto filosófico, criando conceitos, procurando argumentos políticos, inserindo o ser educando no exercício do filosofar.

O ato político que o educador popular deve possibilitar no campo educacional da sala de aula é de questionar e problematizar a Escola, a Instituição Escolar, seus currículos, competências e habilidades na estrutura pedagógica do Currículo Paulista:

- pode a Escola limitar o horizonte do educando? a escola é um ambiente de reprodução de conhecimentos e recortes das áreas do conhecer humano? Diante todas essas reflexões pertinentes, a política deve ser aluno/a iconoclasta, o rebelde, o inconformado, o ser curioso e que provoca nas aulas dialogadas, sentido pulsante da sala de aula, aquele grito político na ponta do lápis de escrever da classe estudantil.

4. PRÁTICAS DOCENTES: O TRÁFICO

Ensinar é a arte do educador popular. O que é construído numa relação de ensino e aprendizagem em sala de aula é essencial que seja criadora, livre e possibilitando a visão crítica da realidade concreta do mundo. A filosofia cumpre esse papel fundamental para os educandos se conscientizarem do seu lugar no mundo e o ensino de arte desafia o estudante em trabalhar seu imaginário e criação em atividades, ações práticas, trabalhos críticos, trabalhos lúdicos e demais formas docentes de intervenção nas escolas públicas.

O educador artista cumpre seus fundamentos de criador e professor intensificando e unindo sua arte de produzir obras de arte e sua arte de ensinar e aprender na Escola. As imagens que seguem são reproduções de obras de arte que produzo na técnica da colagem manual, uma variação de expressão artística das artes visuais. Produzo em perspectiva de retirar do lixo, aquilo que é tido como lixo. As telas em que confecciono as colagens são de madeiras retiradas de caçambas e os recortes e montagens retiro de revistas, jornais e recortes que se tornariam resíduo descartável e sem utilização.

Além da estética, minha obra conceitual está centrada na concepção de ter o protagonismo negro e luta de classes como metodologia da construção das telas e da escrita dos conceitos artístico-filosóficos que desenvolvo.

Apresento alguns trabalhos que foram confeccionados ao longo da pandemia, do período de março de 2020 até meados de 2021, nos processos de estudos acadêmicos e pós-graduação. Construí as temáticas centrais sobre educação, ensino e a esperança nas crianças e adolescentes de nossa classe trabalhadora.

Tela: Crianças Verborrágicas

Conceito: A infância e seus tremores

Cada criança um espião do sol

Criativas inventivas & imagéticas

Subverta nas escolas

Ensine música negra
Escureça as disciplinas
matérias & conteúdos
Pedagogia libertária & emancipadora
Nas usinas da in-fância e
que o mágico de Oz se transfigure
Na realidade concreta eliminando
drogas, fome e Polícia.



Fonte: Do Autor, 2020.

Tela: Na era da Necropolítica, estudar & resistir é revolucionário!

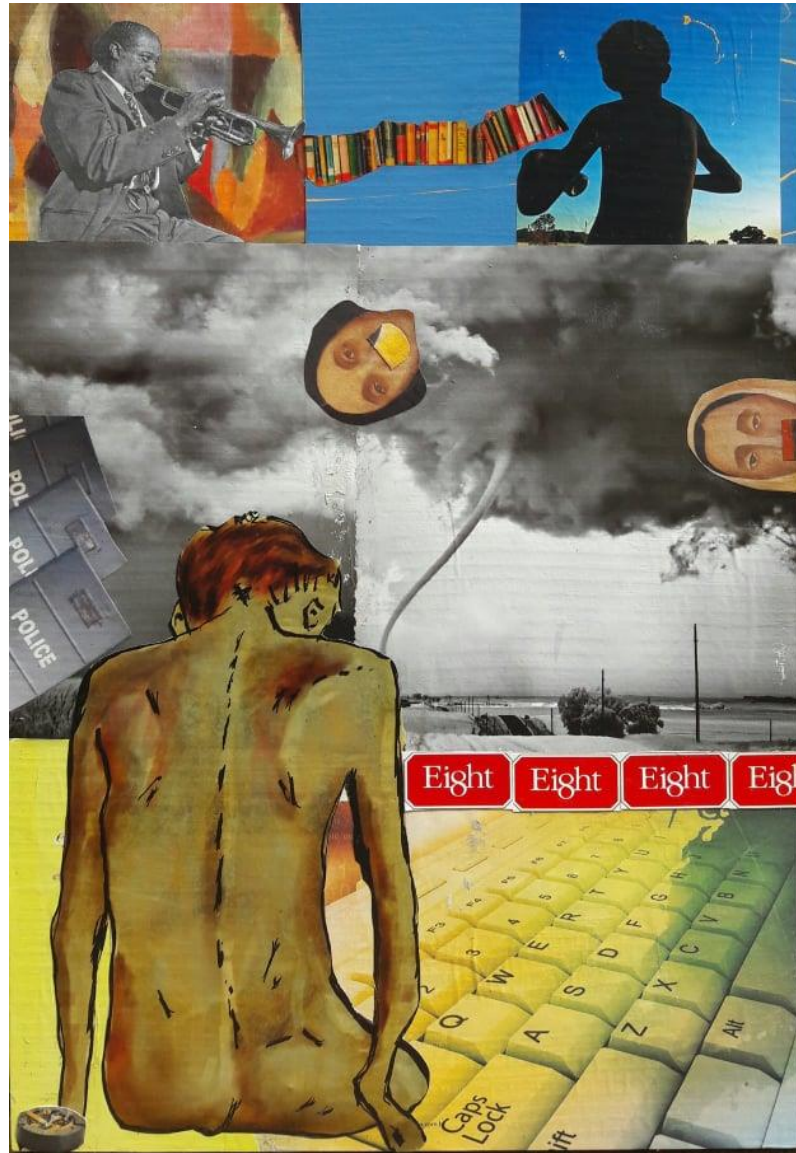
Conceito: Jantaremos os genocidas, sob o apodrecer dos Sóis, na mesa de jantar da vitória dos oprimidos.



Fonte: Do Autor, 2020.

Tela: Crianças

Conceito: Trepidando na arte de cortar com cerol a violência da polícia assassina



Fonte: Do Autor, 2020.

O educador popular semeia sementes em deserto fascista. Agora, apresento, outra proposta concretizada no mês de novembro de 2021, o trabalho de construção de painéis de forma coletiva e protagonista das/os educandos para exposição na Semana da Consciência Negra na E.E. Vitu Giorgi, no município de Oriente-SP.

Como proposta pedagógica e artística das aulas de arte fora construído painéis trabalhando o protagonismo negro, artistas negros, trechos de músicas do cenário da música RAP, além da inserção de elementos trazidos



Fonte: Estudantes do ensino médio da E. E. Vitú Giorgi e Autor, 2020.



Fonte: Estudantes do ensino médio da E. E. Vitú Giorgi e Autor, 2020.



Fonte: Estudantes do ensino médio da E. E. Vitú Giorgi e Autor, 2020.

A proposta pedagógica poética das oficinas de escrita criativa e oficinas de Fanzines, faz parte das metodologias e práticas docentes em que tenho trabalhado com comprometimento com a criação, crítica, consciência, literatura, poesia e arte, orquestrando as dinâmicas nas temáticas de opressões sociais, seja, racismo, transfobia, machismo e demais formas de preconceito e violência psicológica, física ou simbólica, que mensura de certa maneira, o que nossos alunos e alunas vivenciam dentro e fora do ambiente escolar.

A proposta a longo prazo e além de ser um dos elementos constitutivos de nossa presente pesquisa e dissertação, é a criação da biblioteca pedagógica de Fanzines, onde busco utilizar-me dos produtos culturais e poéticos construídos pelos estudantes no qual leciono as oficinas em todos os meus anos de educador popular na cidade de Marília e região.

Segue algumas fotografias dos trabalhos críticos e conscientes confeccionados por estudantes de escolas públicas:



Fonte: Estudantes do ensino médio da E. E. Vitú Giorgi e Autor, 2020.



Fonte: Estudantes do ensino médio da E. E. Vitú Giorgi e Autor, 2019.



Fonte: Estudantes do ensino médio da E. E. Vitú Giorgi e Autor, 2019.

Racismo e Preconceito

O racismo e os preconceitos estão interligados. O racismo é um tipo de preconceito étnico. Já os preconceitos também, podem

A cor mais bonita

Eu nunca entendi porque as bonecas brancas são as mais bonitas.



estar relacionado ao estilo de vida de uma pessoa.

Pode também haver

preconceitos relativos à classe social de uma pessoa, como a orientação sexual, pessoas pobres,

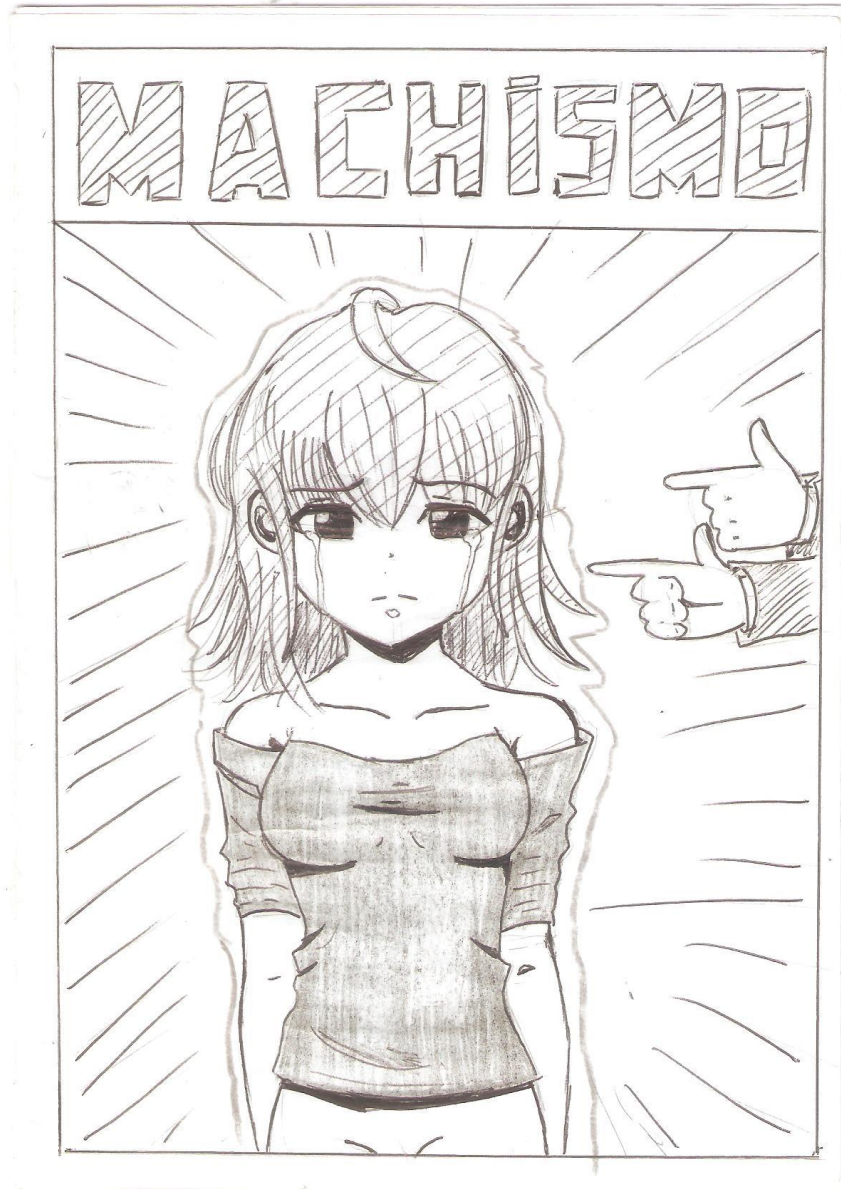
MEU CABELO NÃO É RUIM.
RUIM É SEU
RACISMO



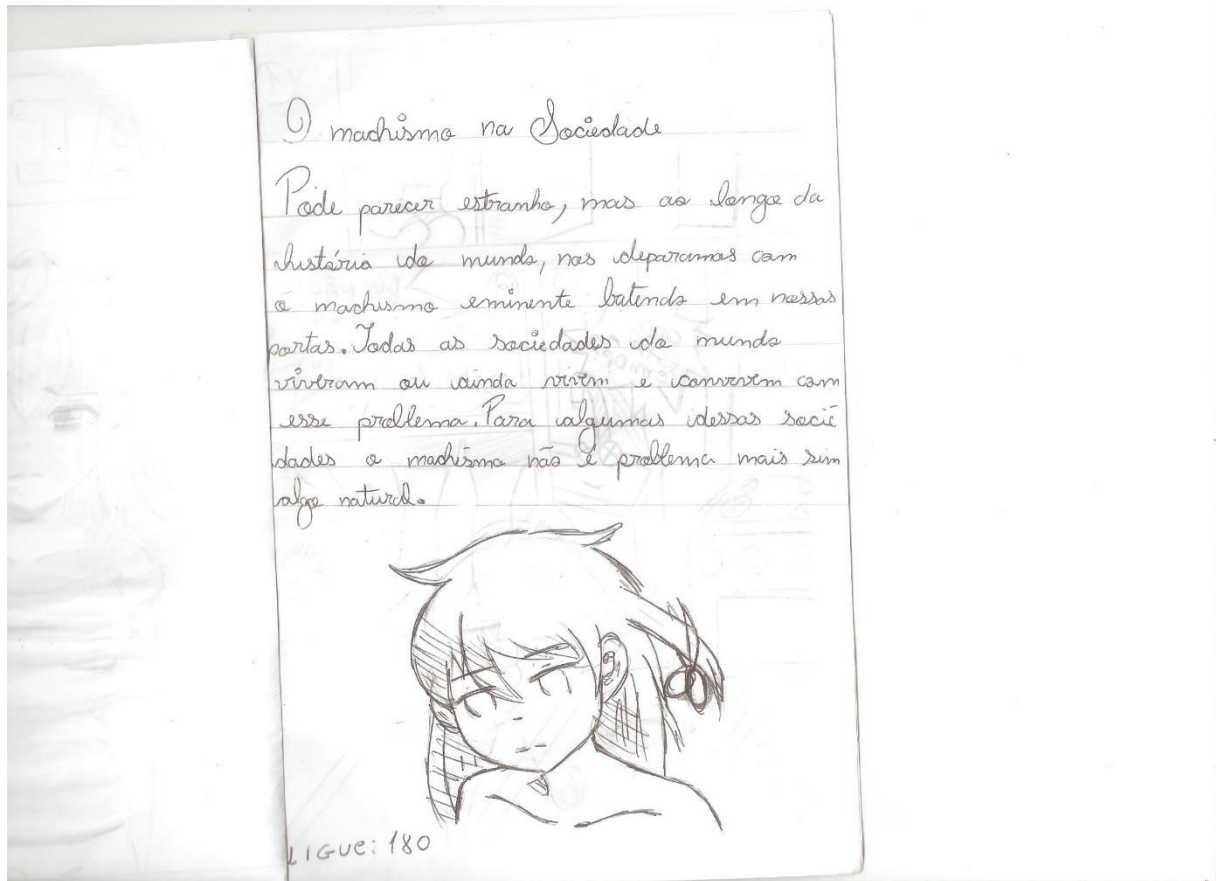
HOMOSEXUALIDADE
NÃO É DOENÇA, O
QUE TEM
CURA É
ESSE SEU
PRECONCEITO

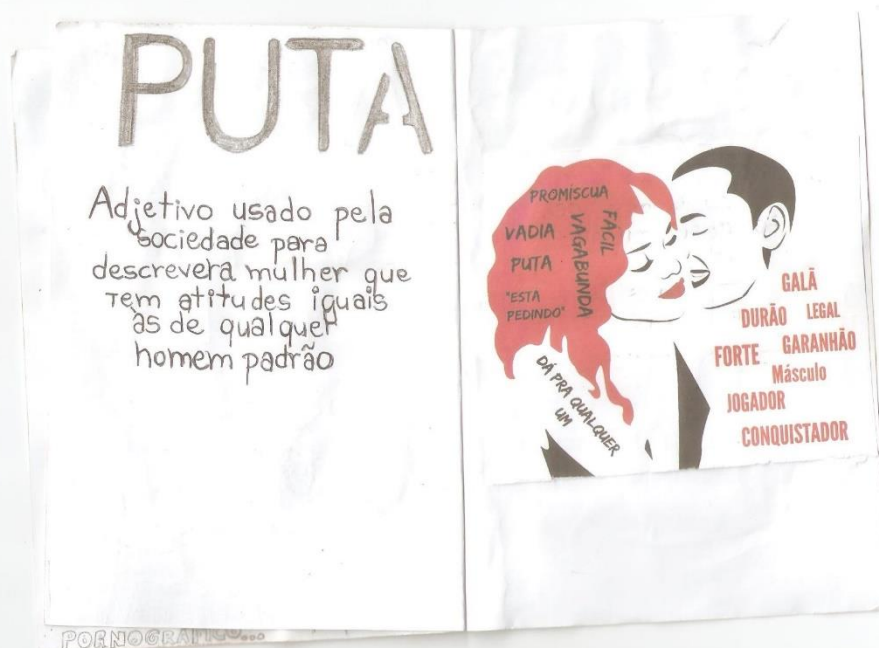


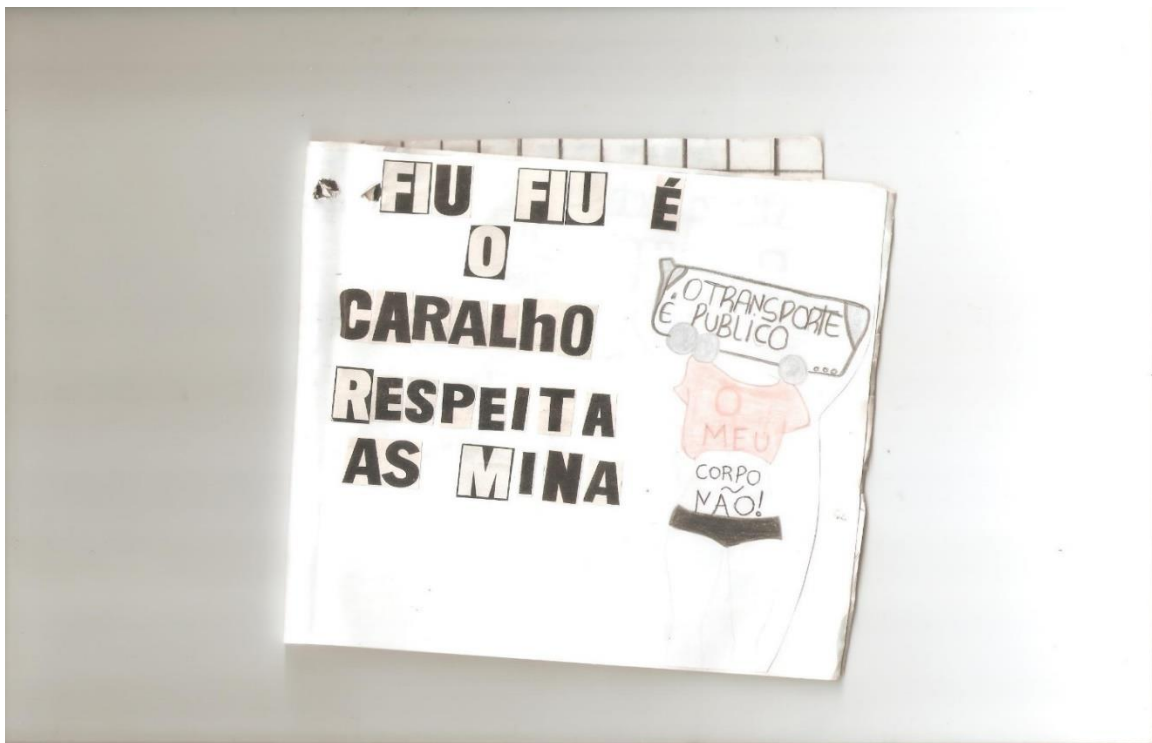
Fonte: Estudantes do ensino médio da E. E. Vitú Giorgi e Autor, 2019.



Fonte: Estudantes do ensino médio da E. E. Vitú Giorgi e Autor, 2019.







Fonte: Estudantes do ensino médio da E. E. Vitú Giorgi e Autor, 2019.



Fonte: Estudantes do ensino médio da E. E. Vitú Giorgi e Autor, 2019.

Os trabalhos filosóficos e artísticos confeccionados ao longo desses anos de Educação Básica (2014-2022) proporcionou experimentações em sala de aula, experiências cativantes no tocante ao desenvolvimento da consciência na classe estudantil, aprimoramento da minha formação docente no campo da prática, criticidade difundida em análises e interpretação de textos filosóficos, inventividade na construção de textos filosóficos, produção de textos nos diversos gêneros literários, interesse pela vida escolar (luta contra a evasão escolar), aumento do desempenho acadêmico e proatividade dos estudantes, desenvolvimento do pensamento político, práticas educativas no sentido da interdisciplinaridade com outras áreas do saber escolar, apreço pelos eventos culturais, como Sarau e fortalecimento do protagonismo do educando em compreender e viver a Escola como amplo, como comunidade social e lugar de ensino, aprendizagem e emancipação para o projeto de vida das crianças e adolescentes.

Esses processos pedagógicos filosóficos de nossa visão de educador popular traz a diversidade do repertório e produtos filosóficos e culturais do “*tráfico*” como movimento real e vivo dentro da Escola Pública.

As transformações e emancipações são conceitualmente o que denomino tráfico, processos educativos, metodologias ativas que desenvolvam a potência de cada ser educando, caminhos metodológicos em sala de aula, construção de atividades e trabalhos docentes ligados à arte e cultura brasileira, esse movimento clandestino do educador que desvia das questões neoliberais e burocratizantes que por vezes limita o horizonte da ação militante do professor.

O tráfico de conhecimento, o tráfico de sabedoria, o tráfico de informação, o tráfico epistemológico é o lutar para um dia pararmos de lutar pelos direitos básicos da questão educacional. O âmbito desse capítulo que finda a presente dissertação é um grito de urgência de traçarmos e refletirmos criticamente de qual os sentidos do ensino de filosofia e ensino de arte, a definição e conceitual filosófica do educador popular e as experiências do tráfico de informação do guerrilheiro educador de filosofia e pesquisador da educação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais da presente dissertação, denoto que no campo do ensino de filosofia e o da educação libertadora que propomos não está pronto e acabado. Esse problema social chamado escola pública sempre norteará as pesquisas, dissertações, teses, livros e artigos no caminho da busca de possibilidades de soluções filosóficas, artísticas e pedagógicas. A reflexão que propusemos é de incentivar a discussão sob a óptica de emancipação e subversão sobre os fundamentos, vivências e práticas de um educador popular no âmbito da escola subalterna.

Diante as possibilidades nos processos de ensino aprendizagem capaz de desenvolver criatividade, criticidade e politização consciente e democrática aos adolescentes considerando as interações com a abordagem filosófica das demais temáticas trabalhadas em sala de aula, busquei nortear os estudos e fundamentações teóricas de concepções do grande pedagogo revolucionário Paulo Freire, do sociólogo Florestan Fernandes e sob a filosofia da educação de Walter Kohan, trazendo como teórico carregado os conceitos de Karl Marx e Antônio Gramsci, de compreendermos a essência luta de classes no campo educacional e de possibilitar a formação do educando da classe trabalhadora com olhares para a emancipação na escola pública, além de difundir pedagogicamente

Para tanto, o saber experiencial necessita de um saber conceitual consolidado com um trabalho de leitura para estruturar as intervenções do educador popular em solo das escolas públicas. O estudo bibliográfico demonstrou-se essencial para compreensão do objeto de estudo que fora o educador popular e suas experimentações e experiências reais e pulsantes no cotidiano escolar.

Florestan Fernandes contribui para nossa reflexão e ação pedagógica no sentido de trabalharmos, enquanto o professor militante. O docente que nas suas ações une política, arte e filosofia e ao mesmo tempo, tem a formação política como autoformação e engajamento militante para trabalhar as consciências da classe trabalhadora, além de concentrar o agir politicamente no sentido do fortalecimento de criticidade em sala de aula.

As fundamentações teóricas nos subsidiaram na percepção da construção da autonomia do ser educando. Assim, Paulo Freire em sua pedagogia dos oprimidos permite a discussão e ação em sala de aula, por parte do educador, de aulas e o

ensino de filosofia e ensino de arte que possibilite a criança e adolescente estimular o ser problematizador, o ser curioso, o ser autônomo e solidário, o educador popular que forma a classe trabalhadora não para ser uma simples mão de obra barata do sistema capitalista.

Nesse sentido, o educador popular, o traficante que consideramos nessa escrita de dissertação é o professor que potencializa em suas atividades, aulas, construções práticas de murais, produção poética e produção textual, objetos cognoscíveis aos estudantes, temas filosóficos que sejam da realidade da comunidade que se integra a escola pública.

As oficinas de fanzines, as oficinas de poesia, construção de murais críticos, a experiência do grêmio estudantil são experiências pedagógicas contundentes, dentro do cenário escolar, que se engendram nas concepções pedagógicas de Freire, em sua pedagogia da autonomia.

Os estudos frente às leituras do mestre inventor, de Walter Kohan, se constituíram essenciais à nossa visão de ensino de filosofia, pensando o caráter libertário de educação na sala de aula, de modo a aprofundarmos o percurso formativo do educador popular para o ensinar a estudar, ensinar a apreender, o ensinar a ser antirracista, o incitar e excitar e o ajudar os estudantes em sua formação acadêmica, política, artística e filosófica ao longo do movimento do tráfico de informação.

O conceito em que confeccionamos ao longo do mestrado acadêmico fora o do traficante de informação. Traficante que construímos é o ser educador e ser educadora em tempos sombrios na política e educação do Brasil. As implicações que desenvolvemos é de compreender o lugar de fala do professor militante, professor que inventa junto ao estudante, educador que trabalha com o povo brasileiro, o profissional da educação que possui responsabilidades afetivas e revolucionárias com os filhos e filhas da classe trabalhadora.

O traficante, o educador, a professora, o mestre que inventa e se reinventa em sala de aula é aquele formador de seres críticos, seres humanos com humanidade, formador de criticidade, de liberdade de pensamento e aquele que cativa como algo primordial o passar conhecimentos, sabedorias e informações ao mais necessitados e excluídos socialmente do país. O conhecimento a vistas da classe dominante é aquilo que deve ser privado dos mais pobres e necessitados.

O ser educador traficante oriundo da classe subalterna, armado com metodologias de trabalho docente e agindo por vezes na ilegalidade ou legalismo de

um estado burocratizado para não atender as necessidades crônicas de uma rede estadual de ensino com mais de três milhões de crianças e adolescentes.

Necessitou-se da linguagem artística RAP oriunda da cultura hip-hop para a fundamentação do conceito de traficando informação. O artista militante, MV Bill corrobora com essa visão de que a arte e cultura através do rap, ela difunde ideais necessários para a transformação social de quem tem origem pobre e periférica.

Assim, notamos que a interdisciplinaridade do conceito artístico militante para o campo educacional, possibilita a construção de práticas e experiências urgentes para a escola pública na prática docente, além de evidenciar as referências conceituais vindas do povo preto periférico, da cultura hip-hop que somados aos propósitos de luta de classes no âmbito educacional torna a práxis do educador fundamental e justamente subsidiada por literaturas acadêmicas de predomínio latino-americano com nuances literárias e artísticas da cultura periférica.

Evidenciou-se as problemáticas identificadas na estrutura física, formal e institucional da SEDUC, no sentido de graves problemas encontrados no currículo paulista, material pedagógico que se estrutura no viés da educação neoliberal. Portanto, a ação militante está em ser um educador que não se limita ao material institucional e que busca por meio acadêmicos, textuais, filosóficos e formativos se encaminhar para uma pedagogia libertadora das opressões e aquela que cative o estudante no âmbito de seu projeto de vida ser atrelado a escola pública com uma visão de mundo crítica, libertária e de conscientização social a respeito da humanidade e seus direitos amplos, possibilitando o tráfico de informação nas escolas públicas.

Deste modo, o sentimento, prática pedagógica e reflexão crítica da dissertação é resguardar a formação dos educadores e educadoras populares do Brasil, evidenciando práticas, vivências e ações de suma preocupação, compreendendo a educação e escola como espaço teórico e prático de transformação social.

As perspectivas futuras do presente escrito visam a concretização de todo um processo de pesquisa nascido em meados de 2017, último ano enquanto estagiário no projeto PIBID/filosofia desenvolvido junto a escolas públicas no município de Marília, estado de São Paulo. O projeto de pesquisa que se consolidou como dissertação em defesa do ensino de filosofia, PIBID e da formação do educador popular estabelece o sentimento de pesquisador e professor que propõe um apurado estudo acadêmico e conceitual de teorias sociológicas, filosóficas e pedagógicas que

abasteceram as práticas docentes e ações de emancipação social e política nas escolas públicas estaduais.

O pesquisador de ensino de filosofia enquanto cientista e acadêmico diagnostica problemas e causas na proposição de resolver problemas ou ao menos trabalhar com reflexões e ações empíricas no cotidiano escolar, o sentido de que um trabalho fora concluído, conceitualmente o tráfico fora concretizado como evidenciado no capítulo 3, onde há artes visuais e artes poéticas confeccionados pelos estudantes no qual partilhei e construí junto conhecimentos, práticas, ações artísticas, formação política e desenvolvimento da escrita crítica nas diversidades de temas sociais do Brasil.

Ao abordarmos o conceito que propomos enquanto subversão, que é a busca de destruir para construir caminhos pedagógicos no ensino de arte e ensino de filosofia, as transformações caminham no sentido da educação omnilateral, aquela resguardada pela corrente filosófica marxista que propõe uma educação interdisciplinar, trabalhando todos os lados formativos dos seres educandos.

O encadeamento da consciência da situação para o educando juntamente com a ação do educador, possibilita as práticas modificadoras por parte do educador, para isso algo importante para esse processo de ensino e aprendizagem é o foco do estudante, que nos tempos atuais é retirado por conta dos aparelhos tecnológicos móveis, isso acarreta numa agonia para a classe de professores na rede estadual.

Os tempos pandêmicos intensificaram as defasagens de aprendizagem da classe estudantil subalterna, visto que o ensino remoto utilizado nos momentos agoniantes da pandemia não foi igualitário para a população pobre e carente das tecnologias de acesso às aulas e demais atividades pedagógicas produzidas pelas escolas públicas, a evasão escolar e os abusos/ assédios da mesma maneira cresceram com as crianças e adolescentes das escolas estaduais.

Essas duas problemáticas por vezes dificultaram o desenvolvimento de aulas, atividades, experiências artísticas e formação na escrita filosófica, porém o traficante de informação de modo intenso e formador desenvolve as intervenções pedagógicas e filosóficas no sentido amplo de contextualizar conceitos e propor aulas diferenciadas com auxílio de audiovisuais, filmes, curta metragens, músicas, vídeos e entrevistas que acabam estimulando a participação dos estudantes ao longo do ano letivo.

Como desfecho de uma pesquisa acadêmica e de equilíbrio com a militância do professor, defendemos a escola pública gratuita e de qualidade, defendemos que conceitos são importantíssimos para aprofundarmos nossas práticas docentes e transformadoras das realidades.

Dissertou-se a favor de que os professores da rede estadual propiciem o desenvolvimento do estudante de modo omnilateral, permitindo que a relação entre arte, filosofia, política e educador seja construída de modo a proporcionar melhorias de visão de mundo, de condições para no ensino médio, os adolescentes da classe subalterna possam cursar graduações em universidades públicas, enquanto direito social.

Essa educação integral que forma seres humanos autônomos, conscientes e críticos é enriquecedora e libertária em uma sociedade tão sedenta de pensamento vivo e político, ao mesmo tempo que compreendemos a arte e a filosofia como fundamentais para o tráfico do conhecimento e subversão nas comunidades escolares.

Portanto, para construirmos uma transformação no campo educacional através do ensino de arte e filosofia é essencial entendermos a luta de classes, o sentido do conceito educação libertária e compreender as realidades concretas de cada escola pública, ao passo que devemos enquanto traficante de informação/educador popular proporcionar cultura, arte, filosofia e política de maneira criativa e com criticidade, com vistas à experiência do ser educando e do professor militante no mundo contemporâneo e ampliar a visão de mundo em que estamos situados, enquanto classe estudantil subalterna. Destacamos Fernandes (2019, p.140), mesmo escrito há décadas, a problemática da educação segue, ao escrever que: “Os professores entram nas mais difíceis condições de uma nova era, assim como os proletários.”

6. REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ALMEIDA, Sílvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019, p.52.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 256 - 306.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores; v. 2).
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação**: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Brasília: Câmara dos Deputados: Edições Câmara, 2014. In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm (Acesso em: 07 jan. 2019)
- DE OLIVEIRA, Marcos Marques. **Florestan Fernandes**— Recife: Coleção Educadores MEC | Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010.
- FERNANDES, Florestan. **A formação política e trabalho do professor**. 1. Ed. Marília: Lutas anticapital, 2019.
- FERNANDES, Florestan. **Leituras & legados**. São Paulo: Global Editora, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4. Ed. RJ: Edições Graal, 1984.
- _____. **Vigiar e punir**, Rio de Janeiro: Vozes, 1977.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** - Saberes Necessários à Prática Educativa. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 69ª edição, 2021.
- GONZÁLEZ REY, Fernando Luis, MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. **Subjetividade**: teoria, epistemologia e método. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.
- GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação. histórico-cultural. Tradução: Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2005.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere. Introdução ao estudo da filosofia**. A filosofia de Benedetto Croce. 3. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, v. 1.
- KOHAN, Walter Omar. **O mestre inventor**: relatos de um viajante educador. Trad: Hélia Freitas. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LEONTIEV, A. N. **Actividad, conciencia y personalidad**. Buenos Aires: Ediciones Ciencias del Hombre, 1978.

MARX, K, ENGELS, F. **Textos sobre educação e ensino**. SP, Centauro, 2004.

MARX, Karl. **Manuscritos económico-filosóficos**. Lisboa: Ed. 70, 1993.

MENDONÇA, S. G. L., SILVA, V. P., MILLER, S. **Marx, Gramsci e Vigotski: aproximações**. Araraquara: Cultura Acadêmica e Junqueira & Marin, 2009.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

MILLER, S.; BARBOSA; M.V.; MENDONÇA, S. G. L. (Orgs.) **Educação e humanização**: As perspectivas da teoria histórico-cultural. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SÃO PAULO. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo**: Filosofia / Coord. Maria Inês Fini. – São Paulo: SEE, 2008. Acesso em março de 2018: http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/18/arquivos/Grade_FILO_Volume_1_cor.pdf.

SÃO PAULO (Estado). **Programa Ensino Integral**. Lei Complementar nº 1.191, de 28 de dezembro de 2012, altera a Lei Complementar nº 1.164, de 2012. <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei.complementar/2012/lei.complementar-1191-28.12.2012.html> . Acesso em: 14 dez. 2018.

SILVA, V. P.; PAGLIARI, F. S. Concepções de educação popular e filosofia da práxis. In: Laurence Duarte Colvara; José Brás Barreto de Oliveira. (Orgs.). **Núcleos de Ensino da UNESP** - Processos de ensino e de aprendizagem dos conteúdos escolares. 1ed.São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, v. 1, p. 87-99.

SILVA, V. P., GELAMO, R. P., Lima, Orion Ferreira de; GARCIA, A. V. PIBID Filosofia: possibilidades do filosofar no contexto do ensino de Filosofia. In: Sueli Guadalupe de Lima Mendonça; Maria José da Silva Fernandes; Júlio Cesar Torres; Maria Raquel Miotto Morelatti. (Org.). **PIBID/UNESP Forma(a)ção de professores**: percursos e práticas pedagógicas em Ciências Humanas. 1ed.Marília e São Paulo: Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018, v. 1, p. 123-141.

SILVA, V. P., GELAMO, R. P.; SANTOS, G. S.; SILVA, E. D. Formação do filósofo professor: articulação bacharelado e licenciatura e PIBID. In: Sueli Guadalupe de Lima Mendonça; Maria José da Silva Fernandes. (Org.). **PIBID/UNESP**: memórias e trajetórias no campo da formação de professores. 1ed.São Paulo: Cultura Acadêmica, UNESP, Prograd, 2016, v. 1, p. 103-116.

VÁZQUEZ SÁNCHEZ, A. **Filosofia da práxis**. SP: Expressão popular, 2007.